

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**LORIELI VASCONCELOS DE QUEIROZ**

# **O REGIME NAZISTA HITLERIANO**

**Análise de suas características manipulatórias e conseqüências no cenário internacional.**

**RECIFE  
2010**

**LORIELI VASCONCELOS DE QUEIROZ**

# **O REGIME NAZISTA HITLERIANO**

**Análise de suas características manipulatórias e conseqüências no cenário internacional.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel, pelo Curso de Relações Internacionais pela Faculdade Damas da Instrução Cristã.

Orientador: Thales Castro

**RECIFE**

**2010**

**Queiroz, Lórieli Vasconcelos de**  
**O regime nazista Hitleriano: análise de suas características manipulatórias e conseqüências no cenário internacional./ Lórieli Vasconcelos de Queiroz. – Recife: O Autor, 2010.**

**59 folhas: il., fig.**

**Orientador(a): Thales Castro**  
**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã. Trabalho de Conclusão de curso, 2010.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Relações Internacionais 2. Nazismo 3. Manipulação 4. Consciência**  
**I. Título.**

**327 CDU (2.ed.)**  
**327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas**  
**TCC 2010- 043**

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – ARIC  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**LORIELI VASCONCELOS DE QUEIROZ**

# **O REGIME NAZISTA HITLERIANO**

**Análise de suas características manipulatórias e conseqüências no cenário internacional.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel, pelo Curso de Relações Internacionais pela Faculdade Damas da Instrução Cristã.

Orientador: Thales Castro

Data da defesa: 09 de dezembro de 2010.

**BANCA EXAMINADORA:**

Assinatura:

---

Prof. Dr. Thales Castro, Orientador

Assinatura:

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Artemis Holmes, Examinador

Assinatura:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margarita Neves, Professora da Disciplina

Recife

2010

## DEDICATÓRIA

A meus verdadeiros e maiores heróis, e que assim como tantos, são denominados de papai e mamãe.

## AGRADECIMENTOS

Em minha vida pessoal, sou grata a tantas pessoas, pela ajuda e formação ética e moral fora do ambiente acadêmico, que seria inviável o espaço dessa folha para descrever os que me refiro, logo, de forma mais abrangente agradeço a Deus e à minha família, sempre e primeiramente.

Aos meus amigos, obrigada, e saibam o quanto é confortante saber da existência de cada um de vocês, agradeço pelos infinitos bens que me causam a cada dia nesta agitada capital, em nossa querida Veneza brasileira. Em especial à Áttila Alves, Izabela Domingos, Laíse Félix, Laurystom Queiroz, Lorhena Alves, Marta Farias, Mayanne de Fátima, Manayara Barreto, e Paula Gabriela Jordão.

A busca pelo saber, e o prazer, que hoje tenho, em superar os degraus da vida acadêmica até a conclusão dessa importante etapa, devo e sou grata a todos que compõem a Faculdade Damas, aos meus amigos funcionários, em especial Rosana, Expedito, Lilian e Cleiton, por serem sempre tão prestativos.

A Instituição Damas, em toda sua bela filantropia, tornando real o sonho de uma jovem do interior de Pernambuco, de ser privilegiada com uma bolsa integral, e dessa forma, tentei honrar a oportunidade e investimentos a minha pessoa aplicados, portanto, minha singela e eterna gratidão.

Descritivamente, agradeço ao corpo docente, que diretamente colaboraram para minha denominação de internacionalista:

- Thales Castro, meu atencioso orientador, Aerton Carvalho, Alexandre Silva, Artemis Holmes, Elton Gomes, George Browne, Guilherme Aragão, Jeanete Viegas, Josemar Filho, Keila Sonalle, Liana Lewis, Luiz Emmanuel, Maria do Carmo Brandão, Márcia Longhi, Margarita Neves, Maurício Barros, Núbia Mesquita, Rosana Teles, Sidartha Soria, e Susan Lewis.

Por fim, agradeço o agradabilíssimo e inesquecível convívio e todas as experiências trocadas no dia-dia em sala de aula, com meus amigos de turma, e para a vida inteira:

-Adelson Vieira, Danielle Lott, Ivo Sabino, Íris Viegas, Marta Farias, amiga fiel de infância, e que desde os primórdios de minha vida acadêmica ocupa sempre a cadeira ao meu lado, Micheli Lima, Müller Sena, Priscila Colares, Wellington Granja e Vinícius Porto.

“Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera inteira” Ernesto Guevara de la Serna, o Che Guevara.

## RESUMO

Inserir adeptos a um objetivo particular é um verdadeiro desafio para líderes das mais diversas áreas. Trata-se de uma conquista de seguidores, o que requer bons discursos, argumentos e propagandas convincentes. Assim, a manipulação torna-se uma das mais requeridas maneiras de mobilizar multidões. De fato esse método é quase infalível, uma vez que o adepto torna-se uma vítima inconsciente, e não tem, sequer, a oportunidade de defesa de seus ideais primários, deixando obscuro o peso e a responsabilidade de concordar com causas que transformam o cenário internacional. Com a intensificação das relações internacionais, um acontecimento ocorrido num dado território reflete nos demais Estados, ou ainda, modifica as relações dentro do espaço nacional, transformando o cotidiano da própria população que inicialmente apoiou as propostas e causas oferecidas pelo líder. Dessa maneira, as técnicas de manipulação aplicadas pelos nazistas, modificaram a esfera política interna e externamente. Diante da grandeza das duas grandes guerras, a população mundial precisou de um direcionamento a ser seguido, devido os sentimentos de medo e incerteza que a população europeia vivia. Os confrontos transformavam o cenário num caos, portanto, era o momento ideal para aplicação de técnicas de manipulação por líderes para conseguir adeptos à suas causas, como o exército nazista e alinhamentos internacionais. Na tão nazista Alemanha de Adolf Hitler, a propaganda era o ponto forte que levava legiões a aderirem e aceitarem as condições subumanas dos não-arianos. Com o apoio de seu ministro da propaganda Joseph Goebbels, a figura de Hitler foi passada para as mentes manipuladas como a de um herói, refletindo na morte de aproximadamente seis milhões de judeus. Além da propaganda, Hitler conhecia bem o poder de uma boa retórica em seus discursos, usava de frases de efeito com palavras chaves como vitória, nação, poder entre outras, levando seus seguidores a acreditarem na veracidade dos atos nazistas como necessários para salvar a Alemanha. Todo esse cenário de tragédias contra a dignidade da pessoa humana, teria seu fim, com a criação da ONU e seu caráter universal em prol da manutenção da paz e conservação da vida.

Palavras-chaves: manipulação; consciência; nazismo; e conseqüências no cenário.

## ABSTRACT

To add adepts to a particular goal is a real challenge for leaders from various fields. This is about conquering followers, which requires good speeches, arguments and convincing propaganda. Thus, the manipulation becomes one of the most requested ways to mobilize crowds. In fact, this method is almost foolproof, as the adept becomes a victim subconsciously and doesn't even have the opportunity to defend its primary ideals, leaving unclear the weight and responsibility to agree on the causes that make the international scenery. With the intensification of international relations, an event occurring in a given territory reflects in other states, or even modifies relationships within the national space, transforming the everyday life of its own population that initially supported the proposals and reasons offered by the leader. Thus, manipulation techniques applied by the Nazis changed the political sphere internally and externally. Given the magnitude of the two great wars, the world population needed a direction to be followed, due to the feelings of fear and uncertainty that the European population lived. The fighting turned the scenery into chaos, therefore, was the ideal time for application of techniques for manipulation by leaders to gain adherents to their causes, such as the Nazi army and international alignments. In Adolf Hitler's Nazi Germany, propaganda was the strong point that brought legions to join and accept the conditions of subhuman non-Aryans. With the support of his propaganda minister Joseph Goebbels, Hitler's figure was framed on the minds of the manipulated as a hero, reflecting on the death of approximately six million Jews. Beyond propaganda, Hitler knew the power of good rhetoric in his speeches, he used it to prepare phrases with key words like victory, nation and among others, leading his followers to believe the veracity of the Nazi actions as necessities to save Germany . This whole scenario of tragedies against human dignity, would have its end with the creation of the UN and its universal character for the sake of maintaining peace and preserving life.

Keywords: manipulation; conscience; Nazism; and consequences in the scenario.

## SÚMARIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 01: De Viena para o Mundo</b> .....	14
1.1 Singelo Começo de uma Tragédia Mundial .....	14
1.2 Primeiros Anos de um Futuro Ditador .....	16
1.3 Nazismo, uma outra forma de Política .....	20
1.4 Primeiros Anos do Primeiro Grande Conflito Mundial .....	22
1.4.1 Conseqüencias do Conflito .....	23
1.4.2 Tratado de Versalhes .....	25
<b>Capítulo 02: Manipulação Política Aplicada</b> .....	27
2.1 Visão Geral do Termo .....	27
2.2 Técnicas de Manipulação .....	28
2.3 Movimento Pro Ariano .....	30
2.4 Divulgação .....	31
2.5 Ideais Compartilhados (Nazismo e Fascismo) .....	33
2.6 Hitler e Maquiavel .....	35
2.7 Humanitarismo Sucumbido .....	37
2.8 A Utilização das Técnicas de Maneira Benignina .....	38
<b>Capítulo 03: Do Apogeu ao Perigeu</b> .....	40
3.1 Sede de Vingança e Poder .....	40
3.2 Momento de Guerrear .....	42
3.3 Sustentar ou Sucumbir .....	45
3.3.1 Seqüelas do Conflito .....	47
Mapa 1 - Europa, antes e depois da Primeira Grande Guerra .....	48
Mapa 2 - Alemanha após a Segunda Grande Guerra .....	49
3.4 Organização das Nações Unidas - Direitos Humanos .....	49
3.5 Testemunhos .....	53
3.6 Caminhada Cronológica .....	55
<b>Considerações Finais</b> .....	56
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	58

## INTRODUÇÃO

A figura de Adolf Hitler como líder nazista alemão, é conhecida por praticamente todos os ocidentais integrantes ou não das duas Grandes Guerras, sua imagem é, sempre, facilmente identificada entre as demais personalidades belicosas. É notável a preocupação de não transparecer nenhum desejo de engrandecer ou concordar com os atos nazistas, e sim, o fato puramente acadêmico de análise de suas características e conseqüências, além da busca das possíveis causas que “justificavam” os nazistas ao cometerem as atrocidades para com os não-arianos.

A história nunca será contada exatamente da mesma maneira por pessoas distintas tampouco, ninguém nunca poderá retratar um fato com todos os detalhes do ocorrido. Se um simples fato não pode ser retratado com fidelidade total, um acontecimento como o nazismo, traz consigo um vasto leque de assuntos e incentivos ao pesquisador, na área histórica, política, psicológica, geográfico-estratégico, religiosa, social entre outras tantas. Logo, este trabalho não busca demonstrar todas as formas de manipulações aplicadas por Hitler e seus seguidores, pois isso estaria fora do alcance de qualquer pesquisador. Todavia, o encanto pela forma de conquistar os adeptos e as suas conseqüências no cenário internacional, aguçou-me a curiosidade acerca do tema, analisando-o com o máximo de informações que me foi possível dentro da temática escolhida.

A ascensão do nazismo e todas as suas crueldades cometidas marcaram negativamente todo o processo histórico alemão, devido sua desumanidade governamental para com os “impuros”. No intervalo de três décadas são infinitos os fatos que acontecem num determinado cenário internacional, e cada um deles pode mudar o destino de um personagem ou até mesmo da humanidade inteira, assim, percebemos a importância de analisar os principais ou os mais impactantes dos eventos inevitáveis para melhor compreensão do tema.

E se, ao historiador cabe a missão de conhecer o passado para entender o presente e assim planejar um possível futuro, fica notável a influência das eventualidades dos tempos de outrora no sistema atual. Dessa forma, mesmo cessados os conflitos, as seqüelas e cicatrizes no corpo e memória da humanidade são visíveis até hoje desde o conflituoso século passado.

O século XX é observado desde seu início como um período instável, pois carregou o peso da volubilidade do século anterior, tal situação ganhava força devido às disputas por comércio e os empecilhos impostos entre os países para evitar o crescimento alheio. Nesse sentido, algumas potências se uniram a fim de dificultar a ascensão das demais, surgindo as

tão famosas alianças entre Alemanha, Áustria e Itália (Tríplice Aliança) e entre Inglaterra, França e Rússia (Tríplice Entente). Essa era a estrutura inicial, porém, como as Relações Internacionais eram dinâmicas, a Itália se aliou à Entente em 1915.

Durante os anos de 1914 e 1945, o mundo foi palco de um dos confrontos mais mortíferos (em relação ao tempo que aconteceu) idealizados pelo homem contra o próprio homem, as duas Grandes Guerras. Grandes em números de vítimas e grandes em seu raio de alcance, cujo foco teve seu estopim em Sarajevo (com o assassinato de Francisco Ferdinando) e seu diâmetro estava, direta ou indiretamente, em correspondência aos limites do planeta Terra.

Com a perda do herdeiro do trono austríaco, deu-se início, oficialmente, ao confronto que tomaria proporções mundiais, Áustria com apoio alemão declarava guerra a Sérvia cujos aliados eram russos. E posteriormente, aumentava o número de participantes de esse jogo militar. Entraram do lado servo França, Inglaterra, Rússia, Bélgica, Itália, Grécia e Japão, já na outra esfera estavam Áustria, Alemanha, Turquia e Bulgária.

O cenário se modificou, e o nacionalismo entrou em cena (“arma” utilizada por Hitler e Mussolini com sucesso), era possível a observação de paradas militares e manifestações públicas em prol do fascínio das populações em relação a seus Estados e aliados, além do crescimento do comércio bélico, que se diversificou à medida que era possível ver outros tipos de armas, como projéteis, metralhadoras e para apoiar as novas tecnologias militares, o avião e o submarino. E dessa maneira, todos os seguimentos sociais foram inseridos no clima do conflito, até mesmo a economia era posicionada à compra e produção de artigos bélicos, as mulheres foram para as fábricas suprir as vagas abertas por homens que foram vestir outro tipo de farda quando deixaram de ser funcionários para serem soldados.

A sociedade também foi atingida pela falta dos dois suprimentos básicos à manutenção da vida humana, água e comida, viviam assim com o medo de perder a vida para a fome ou para a própria guerra. Todo esse sofrimento, parecia ter fim quando após a entrada dos Estados Unidos no conflito ao lado da Tríplice Entente, a dificuldade de combate da Tríplice Aliança diminuiu, e esta última rendeu-se em novembro com o armistício de paz. Porém, quem é o vencedor do jogo é quem dita as regras do tabuleiro, assim, ocorreu a assinatura forçada do Tratado de Versalhes, concretizado na França, sob as réguas dos Estados Unidos, Inglaterra e França.

As punições foram impostas prejudicando ainda mais a Alemanha, que já estava debilitada devido ao déficit negativo pós-conflito, e ainda teve uma série de empecilhos para se reerguer no cenário, como o pagamento de indenizações e a entrega de navios e de

territórios. À medida que os alemães decaíam no sistema europeu, crescia o sentimento de vingança entre os mesmos, e dessa forma, o sofrimento da Primeira Grande Guerra voltou em sua segunda edição em 1939.

A Segunda Grande Guerra teve início em 1940, e devido a esse intervalo temporal tão curto entre uma guerra e outra, muitos pesquisadores a consideravam como uma única Grande Guerra. O chefe do partido nazista, ainda não aceitava a humilhação trazida pelo Tratado de Versalhes, logo seu objetivo continuava o mesmo, erguer a Alemanha, mas agora possuía um sentimento negativo que o movimentava, a vingança. Começou então a quebrar com o Tratado, e a manipular seus exércitos, a lutar por anexação de territórios, como a anexação da Renânia, área desmilitarizada, que segundo o tratado, devia se manter dessa forma. E da mesma maneira, seguiram-se várias outras tentativas de anexação de territórios por outros Estados, como o Japão na Manchúria e Albânia pela Itália.

Os nazistas obtiveram mais sucesso, conseguiram uma rápida seqüência de vitórias em 1940, na ordem cronológica: Dinamarca, Holanda, Bélgica, Noruega e França. Diante da semelhança entre as ideologias nazista e fascista, a Itália entrava no confronto do lado alemão, e saiu vitoriosa em várias batalhas na África. Obviamente, a simples anexação não resultou na subordinação total do outro, as resistências européias foram muitas contra o regime nazista, e a Hitler e seus companheiros cabia a missão de dominar o território em sua totalidade, tanto do ponto de vista territorial como das ideologias das populações locais.

Hitler concentrou boa parte de sua atenção à destruição dos soviéticos; a sede de debilitar os russos era tal, que os soldados deviam sempre seguir adiante, mesmo em condições controversas, o que facilitou a vitória russa na Batalha de Stalingrado. A União Soviética crescia no cenário, chegando a invadir o símbolo do poderio nazista, a cidade de Berlim. Os Estados Unidos também mostraram sua força bélica contra a Alemanha, contribuindo ainda mais para a decadência da mesma no conflito.

Há muito se era esperado o Dia D, ou seja, dia da decisão, a população mundial já ansiava pela paz, que teve início em maio de 1945, após a rendição alemã na cidade de Berlim seguida da fuga dos líderes nazistas e morte de Hitler e sua esposa. O novo conflito que surgiu no cenário foi a Guerra Fria, luta sem acionamento de armas, sempre na inércia de quem daria o primeiro passo para o começo do fim, se os Estados Unidos com sua influência capitalista ou a Rússia, almejando ter a hegemonia de seu modelo socialista. Porém, ambos sabiam que tal Corrida Armamentista, se concretizada de fato, acarretaria no fim da humanidade, dessa forma, não trocaram bombas e sim, apenas ameaças.

Uma nova fase mundial teve sua estréia, buscando a tão sonhada paz. Representantes dos Estados se comprometeram em colaborar para um sistema humanitário, eliminando as possibilidades de atrocidades e visando a manutenção do cenário e de seus atores de maneira pacífica e diplomática, assim, surgiu a Organização das Nações Unidas (ONU).

A importância de pesquisas com dados qualitativos vem no decorrer dos escritos neste trabalho, uma vez que, os autores de importantes obras sobre o nazismo e os que descreveram o seu momento histórico, como Joachim Fes, são essenciais e de grande ajuda para a compreensão do tema. Contudo, os dados quantitativos evidenciam com maior precisão o número de conseqüências do nazismo, como as informações das eleições e o indicador de vítimas do conflito. Dessa maneira, ambas as formas, auxiliam nos estudos do uso de técnicas para obtenção de adeptos, causando a manipulação de consciências que deixa obscuro o peso e responsabilidade de concordar com as causas que transformam o cenário internacional.

## Capítulo 1

### 1. DE VIENA PARA O MUNDO

*“A mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará ao seu tamanho original” Albert Einstein*

#### 1.1 Singelo Começo de uma Tragédia Mundial

No estudo das Relações Internacionais, é notável a preocupação intensa da busca de afinidades entre os atores do cenário internacional, cujo equilíbrio e sobrevivência mundial estão intimamente atrelados aos mínimos fatos ocorridos nas diversas partes do planeta. Isso acontece, devido à ligação entre os Estados, segundo a Teoria do Caos onde “pequena variação nas condições em determinado ponto de um sistema dinâmico pode ter conseqüências de proporções inimagináveis”, logo, a decisão de um país afeta, direta ou indiretamente, os outros países, o que pode acabar mudando o destino de populações inteiras. Dessa forma, um crédulo austríaco, vivenciou de perto o trágico destino de sua nação nas mãos dos vencedores da Primeira Grande Guerra, entre tantos soldados mortos, ou aqueles que sobreviveram perdendo parte de seu corpo ou deixando para trás amigos e parentes queridos no conflito. Ele destacou-se, foi condecorado com uma medalha que nunca tirara do peito, a Cruz de Ferro, um presente que recebera de sua pátria mãe, por tê-la defendido, por ter sido um majestoso filho, o qual sentiu o dever de continuar protegendo-a de todos os perigos e da impureza daqueles que não eram arianos.

Assim surgiu, Adolf Hitler, um homem que se dizia pré-destinado a salvar a única coisa que lhe restara em vida, a pátria mãe, tal ascensão de um entre tantos simples militares tomou níveis de uma tragédia mundial, que remete, negativamente, a imagem da Alemanha até os dias atuais. A decisão do povo alemão em segui-lo, em aceitar suas propostas, fortaleceu-o, influenciando nas relações entre os demais Estados, dividindo-os em duas categorias: inimigos e aliados da Alemanha nazista, obviamente, existiram alemães e Estados, que seguiram as idéias nazistas, não por concordarem, mas para não serem classificados como hostis.

A origem de Adolf Hitler como ator internacional, atrelou-o à associação de adjetivos negativos, assim como ele, muitos outros nomes surgirão num possível debate sobre líderes e personagens dessa “má” categoria. Tais como Hobbes e o seu clássico “Leviatã”, Maquiavel e

sua obra “O Príncipe” ou ainda Sun Tzu e “A Arte da Guerra”, porém o alemão já citado, tem sua associação atrelada a uma forma pragmática e não teórica, uma vez que, seus pensamentos ultrapassaram as folhas de papel de sua biografia, “Minha Luta”.

A questão não é defender suas atitudes, mas observar academicamente as suas características como um líder nato, um chefe exemplar, alcançando seus objetivos através de suas técnicas. Sabendo impor suas idéias que por mais inaceitáveis que parecessem, foram sim abraçadas por boa parte do povo alemão. Citado em diversos momentos durante minha caminhada de estudante colegial e durante a graduação em Relações Internacionais, ora como exemplo de grande líder que conseguiu ascender no cenário um regime de caráter anti-cultural-radical e ora como precursor de grandes percas e falhas em suas estratégias. Torna-se assim, perceptível que no jogo das Relações Internacionais, dependendo da rodada teremos um vencedor e um perdedor diferentes, porém na rodada que se segue no tabuleiro pode surgir uma nova estratégia, mudando o curso dos personagens e seu status de vitória ou perda, transformando o cenário internacional.

A alternatividade dos que ascendem e descem do poder em períodos instáveis como o pós-guerra, marcam o processo histórico mundial, no caso alemão negativamente marcado na mente daqueles que passaram pelas atrocidades cometidas e eternamente nos livros e museus que contarão a história dessa temporada desumana, que mudou o destino de cada um dos personagens e da humanidade inteira, toda essa tragédia ocorreu, praticamente, devido à simples decisão acatada de um único personagem, Adolf Hitler.

Se o Sistema Internacional é influenciado por Esferas de Influências<sup>1</sup> quais seriam as conseqüências dessa instabilidade alemã para o mesmo?

Movida a essa questão iniciei minha pesquisa, a fim de explorar um pouco do universo nazista e suas conseqüências para os demais Estados.

---

1. Esfera de Influência - área ou região sobre a qual um Estado ou organização possui significativa influência cultural, econômica, militar ou política, exercendo uma espécie de pólo gravitacional de influência, atraindo outros atores internacionais para perto.

## 1.2 Primeiros anos de um Futuro Ditador

*“Educai as crianças, para que não seja necessário punir os adultos” Pitágoras*

A família é considerada a mais antiga das instituições, nela é plantada a semente que fadará a sociedade como um todo. A ética implantada no seio familiar será a base para a moral dos filhos e logo adiante com a inserção mais árdua desses indivíduos na vida em sociedade teremos um conjunto de relações baseadas na moral indicada a princípio pelos pais. É em seu nascedouro como instituição primária, que terá a responsabilidade de transmissão da ética e da cultura, além da socialização de seus filhos, eis a importância de analisar o ambiente em que primeiramente, ocorreu a tentativa de implantar ou não, determinados ideais éticos e estruturais no futuro líder nazista.

A família “Hitler” vivia numa pacata cidade austríaca chamada Braunau, separada da Alemanha apenas por uma ponte sobre o Rio Inn. Nesse cenário calmo, nasce em 20 de abril de 1889 o mais novo herdeiro da família, Adolf Hitler. O fruto do amor entre Klara Pölzl e Alois Hitler, veio de uma história bastante conturbada, pois o genitor já haveria se casado por duas vezes, a primeira vez com Anna Glasl-Horer, que casou já gravemente doente, e a segunda vez com Franciska Matzelberger, copeira e amante na época que sua primeira esposa ainda era viva. Quando esta última faleceu de tuberculose, Alois decidiu casar-se pela terceira vez, agora com sua prima de segundo grau e governanta das crianças, Klara Pölzl.

Dessa forma, o nascimento Hitler teve uma alta probabilidade de não chegar a ocorrer, devido às instabilidades amorosas do pai, à necessidade de uma autorização especial por parte do bispo local e de Roma para realização da união oficial do casal, além da relação consanguínea entre os genitores, que acarretou na morte de três dos seis filhos do casal, sobrevivendo apenas Hitler, Adolfg e Paula.

A relação entre Hitler e seus pais era totalmente antagônica, uma vez que, a devoção por sua mãe era totalmente clara em seus relatos escritos no livro *Minha Luta*, quando afirmava que “respeitava meu pai, mas por minha mãe tinha um verdadeiro amor”. A maioria dos pesquisadores concorda fielmente que Klara foi a única paixão declarada de Hitler, em contrapartida, sentia pelo pai repúdio e plena antipatia, pois este era extremamente obsessivo e prepotente pelo fato de sair da vida no campo e chegar ao cargo de agente alfandegário.

Apesar de ser uma mãe muito bondosa, parece que sua moral não era tão altaneira assim, pois inicialmente fora contratada para ser ajudante da mulher de seu pai, mas logo parece ter-se tornado sua amante, mesmo antes da patroa morrer. Isto e o privilégio que dava a Hitler em detrimento do enteado por si só já pareciam indicar no mínimo uma pequena falha de caráter, falha esta que, terá uma repercussão enorme na psicologia do filho e no destino da própria humanidade. (CAIXETA, 2006, p 47)

O sobrenome “Hitler”, provavelmente, surgiu de um erro do cartório, quando Alois, depois de aproximadamente 40 anos usando o sobrenome da mãe “Schicklgruber”, decidiu ser identificado pela denominação da família do pai adotivo Johann Georg Hiedler. A falha do escrivão causou a mudança de Hiedler para Hitler, que seria uma das denominações mais fortes e lembradas do mundo. A força do nome “Hitler” no cenário e história internacional é tanta, que chega a ser impensável a associação do personagem a um suposto nome Hiedler ou Schicklgruber.

Mediante tal semelhança de temperamento, observava-se apenas o sentimento de respeito de pai para filho, relatando a desunião entre eles por vários trechos da biografia *Mein Kampf* (Minha Luta). A imagem negativa do pai pôde ter influenciado diretamente no caráter autoritário do filho, que sofria muito com as discussões em que a última palavra era sempre de Alois, inclusive a não permissão de seguir a tão sonhada carreira artística por Hitler.

O seu grande almejo de ser um pintor era sempre negado pelo próprio pai, algo que sempre era motivo de discórdia desde os 11 anos de idade, buscando se acalantar nos braços da mãe que apoiava em plena totalidade o anseio artístico do filho, é impossível não se questionar: e se Hitler apoiado pelo pai tivesse seguido a carreira de pintor? O que teria acontecido com ele e com a Alemanha pós-guerra? Qual teria sido o rumo daquela nação após a simples decisão de tornar-se pintor, mudando seu destino de futuro ditador?

Há historiadores que arriscam dizer que a relação entre Adolf com o pai tido como um tirano e que impunha a lei e a ordem sob forma de castigos físicos, teria ajudado a construir o exterior duro que o futuro ditador exibiu durante toda a sua vida. A história do jovem é citada em vários estudos da psicologia como um exemplo de até onde podem os pais ir para empregar a chamada “educação destrutiva” em seus filhos. (COUTO, 2007, p 11)

Com a morte do pai, Hitler estava livre para seguir seu destino artístico, usou a farta pensão para viajar a Viena e tentar sua carreira tão sonhada, com apoio de sua querida mãe. Em sua nova cidade, sentiu-se encantado com o teor cultural que o rondava, logo achou que seria fácil realizar seu desejo de ser um grande pintor. Porém, toda essa felicidade estava por ter um trágico fim, uma vez que, ele estaria prestes a perder as duas coisas que mais amava, a

sua mãe e a chance de estudar pintura. Logo, as duas tentativas de ingressar na Academia de Belas Artes de Viena foram negadas, devido ao reconhecimento do talento do jovem para arquitetura e não pintura, categoria em que haveria se inscrito. A segunda grande perda, a morte de Klara Pözl, estava atrelada ao procedimento médico adotado, o qual utilizava de doses de iodo para curar as feridas, entretanto o efeito obtido foi totalmente contrário ao esperado, a substância ajudou a propagar ainda mais as feridas e acelerar a morte da senhora em questão.

Os dois fatos citados anteriormente justificaram um provável início do ódio de Hitler para com os judeus. Isso porque, o médico que experimentou o procedimento novo e falho em sua mãe, era de origem judaica. Edmond Bloch e a comissão julgadora dos aptos a ingressar na Academia de Belas Artes era, em sua maioria, de judeus. Além disso, ao sair da pequena cidade do interior e migrar para Viena, ele passou a conviver com a heterogeneidade étnica e cultural encontrada nos habitantes da capital:

Os povos eslavos, definidos como um povo indo-europeu que habita a região da Europa central e oriental há cerca de cinco mil anos, cujos descendentes atuais são os russos, bielo-russos, ucranianos, búlgaros, sérvios, croatas, macedônios, eslovenos, thecos, polacos e lusácios, estavam cada vez mais conquistando espaço e até mesmo roubando os empregos dos habitantes de origem germânica, o que gerava uma onda de descontentamento. (COUTO, 2007, p 15)

Dessa maneira, a vida de Hitler começou a passar por drásticas mudanças, tudo que lhe era mais apreciado lhe fora tirado de sua vida, por seus novos inimigos, os estrangeiros. Logo que percebeu a presença desses “intrusos sujando” as admiráveis ruas de Viena, iniciou seus discursos contra os mesmos, pois, não reconheceria outra razão para seu fracasso a não ser a presença de etnias diferenciadas ocupando postos de prestígio na cidade, no lugar dos nativos.

Mudou então, seu foco de vida, desviando-se da arte para as questões militares, buscando assim, preencher o vazio em que se encontrava, com uma nova paixão. Saía a figura da sua mãe-mulher que mesmo doente, em muito o mimava fazendo suas vontades e entrava a da pátria-mãe, que também estava cada vez mais debilitada, precisando de alguém para salvá-la das mãos daqueles por ele considerados como invasores.

Ao invés de uma mulher-esposa, preferiu uma mãe-Alemanha, uma mãe que, como a sua, poderia lhe dar, e lhe dava, todo aporte narcísico necessário para que ele reativasse todo o amor idílico que havia vivido com a mãe. Ele queria agradar a mãe-Alemanha de todas as maneiras, para que essa mãe pudesse elogiá-lo, enaltecê-lo, narciza-lo, assim como sua mãe biológica fez um dia. (CAIXETA, 2006, p 140)

Os momentos delicados e solitários que vivenciou em Viena, serviram-lhe para conhecer mais sobre os movimentos anti-semitas, quando dividia seu tempo livre entre pintar quadros para vendê-los em praças públicas, assistir a óperas e ler livros e panfletos, disseminando os ideais racistas, muitos deles de autoria de Bismarck e seu II Reich. Comprovando a eficácia e influência dos meios de divulgação de idéias ao público em geral, além desatrelar a imagem de Hitler como criador do nazismo e do anti-semitismo<sup>2</sup>, quando, na verdade, ele no partido era um membro e não o fundador.

Logicamente, o partido nazista ganhou força com o personagem e liderança de Hitler, o qual encontrou o Partido dos Trabalhadores - DAP com apenas sete membros, e transformou-o no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães - NSDAP - (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei), isso ocorreu com sua mudança de Viena (onde passou cinco anos) para Munique, onde conviveu com a política de perto. Ao sair da capital austríaca, buscava fugir do cosmopolitismo daquela cidade que acolhia sem defesa e qualquer repúdio outras raças.

Como os adeptos do socialismo democrata eram conhecidos como Sozi, os seguidores do novo partido passaram a se chamar Nazi, termo retirado do nacional socialismo. (COUTO, 2007, p 35)

A região da Baviera, mais precisamente Munique, foi um refúgio para Hitler, sentia-se aliviado em viver com “germânicos puros”, nas proximidades onde também residiu seu grande ídolo Bismarck, outro motivo para a mudança fora o alistamento militar, o qual não lhe era desejado, pois não queria servir com fardamento do Império Austríaco para não correr o risco de ser mandado por algum dos oficiais judeus, ou de outras etnias e religiões misturadas naquelas redondezas.

Quem não conhece Munique não viu a Alemanha. Eu estava convencido de que conseguiria o meu objetivo. O grande amor que eu tinha por aquela cidade, quase que desde a primeira hora de minha permanência ali. Uma cidade Alemã! Que diferença de Viena! Sentia-me mal em pensar naquela babel de raças. Sinto-me hoje pertencer mais àquela cidade de que qualquer outro lugar no mundo e isso devido ao fato de estar inseparavelmente ligado a minha própria vida, à minha evolução (HITLER, *Mein Kampf*, p 57)

---

2. Anti-semitismo- é a ideologia de aversão cultural, étnica e social aos judeus, surgindo como uma forma de eufemismo a palavra alemã "Judenhass", que significava “ódio aos judeus”.

### 1.3 Nazismo, uma Outra Forma de Política.

*“Aquilo que move o mundo não são as máquinas, mas as idéias” Victor Hugo*

Com o fortalecimento do Partido Nazista, Hitler foi conseguindo cada vez mais adeptos à suas causas nacionalistas. É interessante perceber como um partido tão pequeno e sem história de destaque no cenário político alemão conseguiu atingir níveis mundiais. De fato, suas estratégias usadas e oratórias foram bastante eficazes, afinal, seria através da força do partido que ele chegaria ao poder, portanto, todo seu esforço e talento eram aplicados para transformar-lo em um partido grandioso e reconhecido.

Na Alemanha, depois do insucesso de um golpe de estado, que lhe valera algum tempo na prisão – tempo aproveitado para escrever o seu livro, *Mein Kampf* – Hitler se dedicara à reorganização do seu partido, e em janeiro de 1933, conseguira ser nomeado chanceler pelo velho marechal Hindenburg. (PARAISO, 2003, p 45)

O surgimento do NSDAP, como já explicado no item anterior, veio com a mudança de foco, algo muito mais expansionista e astucioso, quando comparado ao fundado pelo ferreiro Anton Drexler e seus sete membros. Hitler se aproveitava do momento de instabilidade emocional da população alemã no pós-guerra para divulgar o partido como uma salvação para os debilitados sobreviventes do conflito, e assim, com o novo título de diretor partiu para o fortalecimento do movimento e liderança da Alemanha.

O momento de formação do obscuro partido nazista, em 1919, é a crise nacional intensa e de grande movimentação contra-revolucionária. A derrota na Primeira Grande Guerra, as imposições do Tratado de Versalhes e a queda do imperador vieram junto com sucessivas arremetidas dos comunistas alemães, que a qualquer custo tentavam a tomada do poder. (LENHARO, 2003, p 18)

Dessa forma, o momento histórico era totalmente favorável, iniciaram-se então, os discursos para o povo alemão escolher uma das duas diretrizes, o conservadorismo para manter o sistema na esperança de melhoras com base na segurança de algo que já se conhece, com a homilia de conservar o bom. Ou aderir ao teor da revolução, para inovar algo que foi destruído com a guerra, começar com idéias novas, aproveitando para iniciar do zero, com o rico discurso de buscar o bom. Tais idéias pangermânicas já existiam durante a Primeira Grande Guerra com o DAP, mas foi com o NSDAP que ganharia força como um grupo radical, da derrota deveria surgir à vitória posterior.

Dentro do quadro de crise, o nazismo introduziu na luta política uma arma poderosa: a propaganda. Não era somente o fim da crise e do desemprego que a propaganda nazista oferecia. Tecnicamente bem aparelhada, e financiada com o dinheiro da burguesia, oferecia aos trabalhadores uma mudança profunda no próprio sistema. (LENHARO, 2003, p 16)

A suástica foi adotada como símbolo referindo-se ao arianismo, termo que remonta da região de Ária (terras da antiga Pérsia, atual Irã), com conotação racial de “sangue puro”, nas palavras do próprio Hitler em seu livro *Mein Kampf*, “dá idéia nacionalista de missão de luta da vitória do homem ariano”. A figura da cruz, pode aparentar perder originalmente seu sentido de santidade, quando é relacionada ao movimento nazista, tal simbologia é visualizada nas mais diversas civilizações antigas como a celta, asteca, buda e indu, de tantos registros antigos, acabou sendo ligada também ao povo ariano. Sua origem etimológica remete o significado da palavra *swastica*, como algo que traz bons frutos, bem-estar e fará dar tudo certo, talvez por isso, seja encontrada nas mais diversas ocasiões.

Aparece em fragmentos de cerâmicas na Grécia que remonta ao século VII a.C. Foi usada no antigo Egito, na Índia e na China. Os índios Navajo na América do Norte têm um padrão de suástica tradicional. Feiticeiros árabo-islâmicos a usavam. Mais recentemente ela foi incorporada à bandeira de países bálticos. Os budistas a consideravam “a acumulação de signos afortunados com dez mil virtudes, sendo uma das 75 figuras místicas que se acreditavam ser retraçáveis a cada uma das famosas pegadas de Buda. (BRENNAN, 2007, p 101)

Gradativamente, o partido foi crescendo, ganhando adeptos e destaque, isso aconteceu pela união do aproveitamento do momento histórico debilitado e as técnicas de manipulação política e de propaganda usadas pelos nazistas (ver capítulo 2). Na época, o cinema estava em alta, e percebendo isso, foram produzidos mais de 1350 longas-metragens, trazendo a elevação do partido e seus princípios, aos jovens era preferível ver filmes de caráter patriota, com heroísmo e valentia. Existiam produções feitas diretamente pelo Ministério da Propaganda, para serem exibidas nas escolas e praças, mostrando a importância partidária, o perigo comunista e a proteção que a SA proporcionava. Dessa maneira, o partido nazista elevou seu número de adeptos, quando o número de militantes aumentou de 27.000 em 1925, e foi para 108.000 em 1928, chegando ao incrível número de 1.414.000 em 1932.

A escala eleitoral dos nazistas teve muito a ver com a utilização do cinema, “um dos meios mais modernos e científicos de influenciar massas”, de acordo com a afirmação de Goebbels, através de seu efeito penetrante e durável. (LENHARO, 2003, p 52)

Tal ascensão nazista foi acompanhada pelos empréstimos nos Estados Unidos e Inglaterra, que no pós-guerra trouxe estabilidade a Alemanha, através do Plano Dawes (injetaram 20 bilhões de dólares em empréstimo). Aumentaram os salários e diminuíram o desemprego, no período de 1924 a 1929, até o *Crash* da Bolsa de Nova York, quando o mundo entrou em crise junto aos Estados Unidos, considerado o maior credor mundial.

O expansionismo pregado pelo partido tinha como base a ideologia do *Espaço Vital*, cujo fator principal fora aumentar o território para que a “raça superior” habitasse num espaço livre das “impurezas” que os não arianos traziam consigo, dessa forma, também era uma estratégia de anexação territorial. Diria Hitler que “os instintos vitais de conservação são ilimitados, o espaço é limitado, e a guerra se torna inevitável”, justificando a necessidade de reprodução e conservação entre os puros, que se manteriam puros quando em espaços adequados e sem estrangeiros, e se preciso usar de fontes bélicas para alcançar esse objetivo, que como o próprio nome diz era vital.

A saída concreta para esta forma de nacionalismo foi encontrada na doutrina do "espaço vital" necessário aos alemães. Na sua ideologia, voltou à velha idéia da singular posição da Alemanha na Europa e desenvolveu a doutrina da superioridade cultural e racial de um futuro "império germânico da nação alemã."  
(BOBBIO, 1998, p 818)

## 1.4 Primeiros Anos do Primeiro Grande Conflito Mundial

*“O Objetivo da Guerra é a Paz - Sun Tzu”*

São tantas as definições para uma única e pesada palavra “guerra”. O oriental Sun Tzu, ao afirmar que o “objetivo da guerra é a paz”, buscava indicar uma finalidade comum aos que conflitavam, porém, o transtorno ocorreria quando mais de um ator no cenário almejasse o mesmo objetivo, o qual não poderia ser dividido, logo haveria a dinâmica da relação antagônica, perdedor e ganhador. Norberto Bobbio, cita aclamada definição de Von Clausewitz, onde nas Relações Internacionais, a “Guerra é a continuação política por outros meios”, Thomas Hobbes, fala ainda de uma guerra que pode ser mais pessoal e individualista, “a guerra de todos contra todos”, particularizando o egoísmo de cada ser ao afirmar que o “homem é o lobo do homem”. Seja qual for à definição, o fato é que o objetivo não será partilhado entre ganhador e perdedor, logo, existirão oportunidades de represália, devido à

insatisfação de quem sai do conflito com prejuízo, eis a justificativa para a Segunda Grande Guerra (ver capítulo 3).

Entre os anos de 1914 e 1918, o mundo viu-se em guerra, a partir da morte de um único homem, morreram mais de 10 milhões de pessoas, comprovando a Teoria do Caos, (citada no item 1). Hitler estava em sua casa quando recebeu a notícia da morte do arquiduque e herdeiro do trono austríaco Francisco Ferdinando, pelo estudante Gravilo Princip, em Sarajevo na Bósnia. Sucederam-se então, os fatos e alinhamentos que deram início à Primeira Grande Guerra. O cenário europeu já estava em crise, e os tratados entre Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria e Itália) e Tríplice Entente (inicialmente por: Inglaterra, França e Rússia) já estavam formados desde 1907, desde então, Hitler demonstrou sua boa percepção de análise do sistema internacional, não era nem soldado e já sentia a instabilidade e o clima bélico se aproximando.

O ambiente estava tão carregado que, em virtude do mal-estar que a todos afligia, a catástrofe que se aproximava chegou a ser desejada. Que os céus dessem livre curso ao destino, já que não havia barreiras que o detivessem! Caiu então o primeiro formidável raio sobre a terra; a tempestade desencadeou-se, e, aos trovões do céu, juntavam-se as baterias da guerra mundial. As conseqüências eram fáceis de imaginar: uma nova onda de perseguições aos alemães, que, agora, facilmente seriam "explicadas e justificadas", perante o mundo. (HITLER, *Mein Kampf*, p 70)

A Áustria deu o primeiro passo ao conflito, ao declarar, com apoio alemão, guerra à Sérvia, que obteve apoio russo, francês e inglês, justificando tal início por parte austríaca. Hitler dizia ser “uma injustiça fazer hoje em dia recriminações ao governo de Viena sobre a forma e o conteúdo do seu "Ultimatum". Nenhuma outra potência do mundo teria agido de maneira diferente, caso se encontrasse em idênticas condições.”

### 1.4.1 Conseqüências do Conflito

*“O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte” Friedrich Nietzsche*

A Primeira Grande Guerra durou apenas quatro anos, mais foi o suficiente para dividir o mundo em dois grandes blocos, aliado e inimigo. Pela primeira vez, as principais potências resolveriam suas indiferenças de maneira clara e não diplomática, seria a tal luta hobbesiana de todos contra todos; o caráter mundial, nunca antes visto, fora colocado em ação. A população assustada, não tinha noção das conseqüências que o conflito traria e nem da

proporção que o mesmo tomaria, os armamentos e novas técnicas ainda eram desconhecidos, como o submarino e o avião como armas de guerra.

A Primeira Grande Guerra ficou assim conhecida porque, foi efetivamente, a primeira guerra generalizada, envolvendo as principais potências das diversas regiões do mundo, embora as batalhas tenham ocorrido principalmente no continente europeu. Envolveu dois grandes blocos rivais: de um lado, as forças militares da Alemanha, Turquia, Bulgária, e do Império Austro-Húngaro; e do outro, França, Inglaterra, Rússia, Itália, Grécia, Japão, Estados Unidos entre outros. (COTRIM, 2005, p 418).

Diversas são as conseqüências de uma guerra, envolvendo diretamente a vida de civis e militares em frente ao front de batalha, além deles, o Estado perde seu foco e volta-se exclusivamente para as questões bélicas, a economia torna-se debilitada, as camadas sociais mudam totalmente seu cotidiano, a produção interna volta-se para produtos de guerra e sobrevivência em geral, e até mesmo as leis deixam de valer em território nacional, o chamado Estado de Sítio. As mulheres vão às fábricas, uma vez que, os homens estão no campo de batalha, surge a fome e o medo, o racionamento de água, energia e alimento, com tudo isso, as mortes não ocorrem apenas entre os que estão em combate. Tantos foram os testemunhos que relataram tais situações de sobrevivência durante a guerra (ver capítulo 3), pessoas que entravam no conflito e com tentativas desesperadas de dizer um último adeus a suas famílias, acabavam escrevendo cartas e guardando no bolso da farda, na esperança de alguém encontrar e destinar ao endereço familiar, como a de um revoltado soldado alemão, desabafando as condições em que se encontrava em 1916:

Estamos tão exaustos que dormimos, mesmo sob intenso barulho. O melhor a acontecer seria os ingleses avançarem e nos fazerem prisioneiros. Ninguém se importa conosco. Não somos revezados. Os aviões lançam projéteis sobre nós. Ninguém mais consegue pensar. As rações estão esgotadas – pão, conservas, biscoitos, tudo terminou! Não há uma única gota de água. É o próprio inferno!  
(Roberts, 1994, apud COTRIM, 2005, p 419)

Apesar de toda uma situação calamitosa que o conflito trouxe consigo, Hitler acreditava que todo seu mal era necessário, e que na verdade, os verdadeiros alemães já aguardavam o conflito com ânsia, pois, assim se resolveriam de uma vez por todas as instabilidades do cenário pré-guerra, os germânicos lutariam pela sua pátria e com orgulho passariam por todas as necessidades que a ocasião lhes propusesse. As dificuldades seriam provas, que para Hitler eram libertações, pois ao final, o mais forte sobreviveria e a Alemanha renovada surgiria de maneira pura e vitoriosa.

Até hoje não me envergonho de confessar que, dominado por delirante entusiasmo, caí de joelhos e, de todo coração, agradei aos céus ter-me proporcionado a felicidade de poder viver nessa época. Tinha-se desencadeado uma luta de libertação, a mais formidável que o mundo jamais vira, pois logo que a fatalidade tinha iniciado o seu curso, as grandes massas perceberam que, desta vez, não se tratava do destino nem da Sérvia nem da Áustria, e sim da vida ou morte da nação alemã. Pela primeira vez, depois de muitos anos, o povo via claro o seu próprio futuro. (HITLER, *Mein Kampf*, p 71)

## 1.4.2 Tratado de Versalhes

*“Maior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado.” Ruy Barbosa*

O fim de quatro anos de guerra parecia ser tranqüilo, finalmente, a Europa e o mundo voltariam a viver com o mais desejado dos sentimentos, a paz. A Alemanha ficou isolada e teve que se render, após a entrada dos Estados Unidos, fortalecendo a Tríplice Entente com seus financiamentos. Porém, todo o cenário de caos e terror voltaria à tona antes mesmo que a população tivesse se recuperado das conseqüências do conflito, pois na Alemanha devastada pela guerra, o sentimento de desesperança e miséria pairava no ar.

No pós-guerra, quem ditava as regras do jogo era o vencedor, e assim, na França, no Palácio de Versalhes, as nações vencedoras da guerra sob liderança dos Estados Unidos, Inglaterra e França, impuseram sobre os alemães o Tratado de Versalhes. Tal armistício dava uma série de desvantagens aos alemães como devolver armamentos, retirar suas tropas e pagar indenizações altíssimas, além de estabelecer a devolução à França da região rica em minério, Alsácia Lorena (de posse alemã desde 1870, após vitória na Guerra Franco-Prussiana) e a neutralização das fronteiras para a não proteção do mercado interno.

Segundo o Direito Internacional, uma das características de um Tratado é a voluntariedade de sua assinatura, é de livre vontade, seguindo o Princípio da Boa Fé<sup>3</sup>, que as partes o façam. Porém, o Tratado de Versalhes foi imposto à Alemanha, representada na figura de seu ministro Hermann Müller, o qual assinou oficialmente o documento, que foi ratificado pela Liga das Nações Unidas.

---

3. Princípio da Boa Fé – as partes se comprometem em cumprir de boa vontade e fé as relações contratuais.

A concretização do Tratado de Versalhes transformou o sentimento patriota pré-guerra em desolação e humilhação alemã, as condições do país puseram fim a República de Weimar (ver subitem 3.1), ascendendo ao poder um líder com sede de vingança e retaliação do rebaixamento que seu país sofrera com a aplicação de tal acordo, o que inevitavelmente levou à Segunda Grande Guerra. O sentimento de vingança ficou claro nas palavras do próprio Hitler em sua biografia, *Mein Kampf*, onde mesmo com toda calúnia sofrida em Versalhes afirmava que seu exército teria sido temido e que sua nação poderia pagar por toda responsabilidade do ocorrido durante a guerra. A Alemanha humilhada pelo tratado deveria se reerguer, fortalecendo o nacionalismo e mostrando sua estratégia contra os “proveitadores internacionais de Versalhes”, numa revanche, a Segunda Grande Guerra.

As forças armadas eram a mais forte escola da nação e justamente por isso se dirigiam os ódios dos inimigos contra esse reduto da defesa e da liberdade do povo. Nenhum mais portentoso edifício se poderia levantar a essa instituição do que a proclamação desta verdade: o exército foi caluniado, odiado, combatido por todos os indivíduos sem valor, mas foi temido. Se a fúria dos aproveitadores internacionais em Versalhes se dirigia contra o antigo exército alemão é que este era o último reduto das nossas liberdades na luta contra o capitalismo internacional. Não fosse essa força ameaçadora, a Intenção de Versalhes se teria realizado muito antes. O que o povo alemão deve ao exército pode-se resumir nesta palavra: tudo.  
(HITLER, *Mein Kampf*, p 120)

A seguir, um quadro com alguns artigos do texto assinado em 28 de junho de 1919, de acordo com Marques (1999, *apud* COTRIM, 2005, p 421) :

#### Quadro 1 – Principais artigos do Tratado de Versalhes

- |  |
|--|
| <p>Art. 45 – Alemanha cede à França a propriedade absoluta [...], com direito total de exploração, das minas de carvão situadas na bacia do Rio Sarre. (Região rica em carvão)</p> <p>Art. 80 – A Alemanha reconhece e respeitará estritamente a independência da Áustria.</p> <p>Art.119 – A Alemanha renuncia em favor das potências aliadas, a todos os direitos sobre as colônias ultramarinas.</p> <p>Art. 160 – O exército alemão não deverá ter mais do que sete divisões de infantaria e três cavalarias. Em nenhum caso, a totalidade dos efetivos deverá ultrapassar 100 mil homens.</p> <p>Art. 171 – Estão proibidas na Alemanha a fabricação e a importação de carros blindados, tanques ou qualquer outro instrumento que sirva a objetos de guerra.</p> <p>Art. 173 – Todo serviço militar obrigatório será abolido na Alemanha. O exército alemão só poderá ser recrutado por alistamento voluntário.</p> <p>Art. 232 – A Alemanha se compromete em reparar todos os danos causados à população civil das potências aliadas e seus bens.</p> |
|--|

## Capítulo 2

### 2. MANIPULAÇÃO APLICADA

*“Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade” Joseph Goebbels*

#### 2.1 Visão Geral do Termo

Inserir adeptos a um objetivo particular é um verdadeiro desafio para líderes das mais diversas áreas. Tal busca por conquista de seguidores, requer bons discursos, argumentos e propagandas convincentes. A melhor forma de repassar ideologias para grandes massas populacionais é através de discursos públicos, e assim, a manipulação torna-se uma das mais requeridas maneiras de mobilizar multidões. De fato esse método é quase infalível, uma vez que o adepto torna-se uma vítima inconsciente, não tem sequer a oportunidade de defesa de seus ideais primários.

A manipulação visa a transformação de atitudes e pensamentos de terceiros de forma intencional e oculta, pois este não nota que é alvo da manipulação e acredita seguir ideais sem influência externa, por escolha própria.

A Manipulação é uma relação em que A determina certo comportamento de B, sem que, ao mesmo tempo, A solicite abertamente esse comportamento a B, mas antes esconda sua intenção de obtê-lo (ou então a natureza da sua ação para o conseguir), e sem que, por outro lado, B note que o seu comportamento é querido por A (ou então que é provocado pela intervenção de A), mas antes acredite que é ele que o escolhe livremente (ou mediante uma decisão consciente). (BOBBIO,1998, p 727)

Na esfera política a manipulação de mentes humanas tem reflexos intensos, já que as decisões de um país e/ou um líder, podem afetar a sua relação com os demais atores do sistema internacional, ou ainda refletir nas ações de relacionamento dentro do próprio território nacional. O cuidado para com as suas escolhas deve-se a consciência de que uma má decisão pode acarretar na falência de seus planos, e por isso, o uso de técnicas manipulatórias está presente ao longo de toda linha temporal da história mundial.

Ideal seria que a presença da preocupação para com suas escolhas também partisse dos seres que ascendem tais políticos ao poder, uma vez que, o apoio de um indivíduo a um determinado líder, acarreta na mudança de caminhos políticos que regem a vida do próprio

indivíduo, eis a importância da preocupação prévia de uma boa escolha, visando o bem do ser e do grupo em que está inserido.

## 2.2 Técnicas de Manipulação

*“O pensamento é o ensaio da ação” Sigmund Freud*

A técnica comparativa é sempre visualizada em discursos públicos, seja comparando gestões passadas ou até mesmo igualando pessoas a animais não racionais. A Hitler era preferível falar a grandes massas, acreditando que em multidões o sentimentalismo ultrapassava a própria razão. Analisando a oratória hitleriana observamos a ênfase no uso de metáforas carregadas de comparações com o objetivo de inferiorizar os denominados não-arianos. Muitas vezes, Hitler se inspirou nos discursos fascistas, que tinham ênfase à volta de um passado italiano conturbado devido às questões de unificação, Mussolini fazia a população italiana reviver os momentos em que os sentimentos e conflitos em nome de uma nação eram os objetivos essenciais dos habitantes daquela península.

A propaganda hitlerista mergulha suas raízes nas mais obscuras zonas do inconsciente coletivo, ao gabar a pureza do sangue, ao glorificar os instintos elementares de violência e destruição, ao renovar por meio da cruz gamada remotíssima mitologia solar. Hitler é a força, a única força real, e como toda a gente está com ele, é preciso que faça o mesmo, eu, homem, da rua, se não quiser ser esmagado (DOMENACH, 1963, p 15)

Os temas defendidos nos discursos nazistas eram os mais variados possíveis, da ideia de raça superior à represália ao considerado injusto Tratado de Versalhes e até mesmo questões feministas (chegando a afirmar que quando o partido atingisse o poder, cada mulher alemã teria um marido), abarcando o maior número de temas possíveis e conseqüentemente, aumentando cada vez mais o raio do número de adeptos.

A insistência também foi uma técnica bastante utilizada pelo nazismo, aplicada principalmente pelo Ministro Joseph Goebbels, tratava-se da repetição constante de termos racistas, de discursos sempre muito semelhantes, para que as informações entrassem cada vez mais na cabeça das vítimas inconscientes, tal técnica é ainda muito usada por propagandas de produtos capitalistas.

As imagens da propaganda, artísticas ou não, encontravam-se divididas de forma simples e linear; seu conteúdo é sempre o mesmo, pouco modificado em cada “modelo” a ser trabalhado exaustivamente. Assim se passa com tudo o que se refere a AS: “Servindo nas AS, aprenderás camaradagem, tenacidade e força. Nascidas como o próprio sacrifício, de heroísmo, mas também de agressividade – a conjugação o “espírito com força bruta”, como queria Hitler. (LENHARO, 2003, p 64)

A associação do público-alvo e o tipo de discurso a ser utilizado eram sempre previamente estudados pelos assessores de Hitler, cujo primeiro passo era analisar o perfil do grupo ouvinte e em seguida observar os termos apropriados a serem usados, para que a transmissão da mensagem e a manipulação repassada ocorressem com sucesso.

Durante as décadas de 30 e 40, o mundo presenciava nas oratórias nazistas a ênfase nas metáforas<sup>4</sup>, com o intuito de inferiorizar as vítimas, remeter-las a seres considerados hierarquicamente rebaixados, como os insetos. Em abril de 1943, Himmler discursou para um grupo de médicos alemães, que ainda eram temerosos de executar as ordens nazistas, pois reconheciam tais atos como fora do âmbito de suas consciências médicas, por isso, a escolha de termos ligados aos fundamentos médicos está presente nas palavras proferidas, manipulando a mente dos acadêmicos:

O anti-semitismo é como os piolhos. Livrar-se deles, não é apenas uma questão de filosofia. É uma questão de limpeza. Em breve estaremos livres deles. Faltam 20.000 piolhos e nós vamos exterminá-los pelo bem da Alemanha! Um bom médico retira com bisturi um apêndice cheio de pus para salvar um homem não é? Bem, os judeus são o apêndice cheio de pus da Europa (AZIZ, sem data, p 42)

Assim, tornava-se mais fácil, ou menos doloso, exterminar os classificados como não-arianos, uma vez que, sobre eles foi imposta uma imagem animalesca, subumana. Dessa forma ocorria uma amenização na culpa pela morte daqueles seres, que manipulados acabavam implicitamente indo de encontro a todos os ideais humanitários que lhes foram impostos por suas famílias e sociedade desde a infância. Então, a população alemã induzida por novos ideais começava a crer na “questão de limpeza” e a considerá-la como urgente e como uma das mais necessárias de todos os tempos.

---

4. Metáfora: emprego de uma palavra com sentido diferente do usual, a partir de uma comparação subentendida entre dois elementos.

Ademais, sob os germânicos foi inserido o ideal do *Espaço Vital*<sup>5</sup>, fazendo-se, ainda mais preciso a “faxina” no território, para que quando a raça superior alcançasse tal terreno pudesse reinar em paz com seus iguais, (ver capítulo 1).

No dia em que nós tivermos esquecido a lei fundamental de nossa raça, no dia em que tivermos esquecido os princípios sagrados de seleção e de austeridade, neste dia o germe da morte estará entre nós. (AZIZ, sem data, p 36)

## 2.3 O Movimento Pro Ariano

*“Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra” Bob Marley*

A idéia de uma raça superior, a ariana, manipulava as pessoas a seguirem e realizarem atos nazistas sem remorso, através do tripé doutrinário do momento histórico: sangue, seleção e firmeza, seguindo as técnicas manipulatórias citadas no subitem anterior. Segundo o tripé, o sangue e a seleção estavam intimamente ligados já que apenas o sangue puro dos arianos deveria reinar e que para isso uma severa seleção deveria ser feita, contando com o apoio e a firmeza para exterminar todos aqueles que “sujavam” o objetivo de uma raça pura alemã. Assim, conseguiu legitimar a luta da raça superior alemã contra os povos “inferiores e mais fracos”, valorizando sua raça e nutrindo cada vez mais o ódio racial e incentivando a eliminação dos comunistas e os não germânicos em prol de um Estado puro e forte, como mostra em sua autobiografia:

A primeira tarefa nesse combate não é a criação de uma nova concepção do Estado, mas a remoção das concepções judaicas atuais. Como acontece freqüentemente na História, a principal dificuldade não está em encontrar os moldes do novo estado de coisas, mas em abrir caminho para instalá-los. (HITLER – *Mein Kampf*, p 187)

O início dessas questões de superioridade racial remonta a épocas antigas, embora a força do movimento pro ariano tenha sido tanta, que a ligação entre o racismo e o nazismo como idéia primogênita a aplicar essas atrocidades é praticamente automática no pensamento das grandes massas em geral, imaginando ter sido a figura de Hitler o primeiro a usar de tais artimanhas, contra as raças consideradas inferiores.

---

5. Espaço Vital: espaço expandido militarmente, considerado por Hitler de direito legítimo do povo alemão

Historicamente os povos de origem indo-iraniana eram os mais antigos que se conhecia a falar as línguas indo-européias. Com o passar do tempo, outros povos, como os romanos, os gregos, os alemães, os celtas, os eslavos e os bálticos, foram considerados como pertencentes do mesmo grupo. Afirma-se que as línguas de todos eles tinham uma origem comum – a chamada língua proto-indo-européia, que seria falada por seus respectivos ancestrais originais. Este grupo, bem como seus descendentes modernos, foram então chamados de “arianos” com a intenção de oferecer uma distinção de línguas marcadas pela etnicidade e comportamento. (COUTO, 2007, p 20)

## 2.4 Divulgação

*“É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada” William Shakespeare*

O nazismo almejava atingir os alemães de maneira geral, buscando sempre o maior número possível de adeptos fervorosos. Para isso, a aposta em propaganda era proporcional à importância de conseguir novos seguidores, utilizando as mais diversas formas de divulgar as informações nazistas de maneira que as mesmas chegassem a todo o povo germânico. Circulavam-se assim, cartazes, jornais e até mesmo filmes eram rodados em praças, mostrando o poder das tropas, além dos desfiles e aparições públicas idealizadas por Hitler. O historiador Sérgio Pereira Couto, sugere o filme *O Triunfo da Verdade* cujo diretor é Leni Riefenstahl, como exemplo da propaganda da imagem do *Führer*, onde ele sai glorioso de um bimotor, com a face sorridente e totalmente assediado e aplaudido pela população que o aguardava.

Os Jogos Olímpicos de 1936 aconteceram em Berlim e tiveram grande importância para Hitler, quem apoiou o evento como uma forma de mostrar ao mundo a superioridade dos arianos até mesmo nos esportes, gastando aproximadamente 30 milhões de dólares. Tal investimento teve seu brilho ofuscado quando naquela edição dos jogos ocorreu a tão conhecida cena de negação de Hitler a cumprimentar um atleta vencedor negro-americano:

A Alemanha terminaria a competição com 32 medalhas de ouro contra 24 dos Estados Unidos. O pior veio quando um atleta negro, Jessé Owens, destacou-se no atletismo e conquistou quatro medalhas de ouro. Hitler numa demonstração clássica de racismo se recusou a entregar-lhe as medalhas (COUTO, 2007, p 69)

A imagem de Hitler era internacionalmente conhecida como um líder forte, que lutava firmemente pela sua nação, em muito isso se deveu ao apoio de seu Ministro da Propaganda Joseph Goebbels, que doutrinava: "Fazer propaganda é falar de uma idéia por toda a parte, até nos bondes", dessa maneira, as legiões aceitavam as condições subumanas aplicadas aos não-

arianos. A ele foi dada a difícil missão de propagar as idéias nazistas nas proximidades de Berlim, local de predominância protestante e comunista. O ministro utilizava dos meios de divulgação para expandir a imagem do nazismo, escrevia diariamente para os jornais e aplicava as mais diversas propagandas por toda a capital. A figura de Hitler foi passada por ele para as mentes manipuladas como a de um herói, refletindo na morte de aproximadamente seis milhões de judeus.

A propaganda era “ilimitada em suas variações, em sua flexibilidade de adaptação e em seus efeitos”, assim, Adolf Hitler foi conquistando adeptos e simpatizantes a suas causas. As palavras do próprio ministro “uma mentira contada cem vezes torna-se verdade”, indicavam o alto grau de manipulação que conseguiam injetar na população germânica ideal que iam de encontro à moralidade e ao humanitarismo e por isso cometiam barbarias sem preocupação com as noções de ética.

A novidade do nazismo era sua força psicológica, que predispuha todos os trabalhadores ou não, a aceitarem ou assumirem seu corpo ideológico. Os recalques sexuais e a energia psicossocial das massas eram canalizados para um evento contagiante com as propostas do movimento e isto apesar de que elas se voltassem contra os interesses dos próprios trabalhadores. (LENHARO, 2003, p 15)

Ultrapassando a razão, os seguidores do nazismo esqueciam tudo em nome dos ideais por eles lutados, tornando-se fascinados pelo *Führer*, como consta no relato a seguir:

Com efeito, ao jogar sucessivamente com os dois pólos da vida nervosa, o terror e a exaltação, os nazistas acabaram por dominar à vontade o sistema nervoso das massas populares, internamente e no Exterior. Isso, finalmente, deriva de um idêntico estado psicológico ambivalente que, do medo ao entusiasmo, passa por todos os graus. Entre os homens que seguiam Hitler até o fim e por ele morriam, muitos, por certo, o tinham odiado; os processos e o ritmo da propaganda, contudo, os tinham hipnotizado e arrancado a si mesmos. Condicionados até a medula, haviam perdido a possibilidade de compreender, de odiar. Não amavam nem detestavam Hitler, na verdade: fascinados por ele, tinham-se tornado autômatos em suas mãos (DOMENACH, 1963, p 18)

E por conhecer tão a fundo o poder da propaganda, é que Hitler vetava a divulgação de algumas delas, e ao censurar, impedia o trabalho de certos jornais e rádios por todo território alemão. Nos filmes, panfletos e livros que traziam consigo textos carregados de idéias racistas, Hitler introduzia a propaganda como medida do expansionismo de seus ideais, pois lhe parecia “universal e ilimitada”, dado que se encontrava ao alcance da maioria.

Nos violentos filmes de propagandas antijudaicas é o esforço inconsciente da projeção que ficará anda mais exposto A todo custo se persegue a idéia de que o

judeu é desumano e intolerável na convivência com outros povos. O ódio aberto aos judeus parecia ter envolvido os alemães numa crise de consciência. (LENHARO, 2003, p55)

Hitler e Goebbels, juntos apostavam na estética como fonte demonstradora de sucesso, eles chegavam a afirmar que a arte e a política eram a mesma coisa, tal idéia, vinha de sua frustração na adolescência em relação à recusa da entrada na Academia de Belas Artes. De fato, o nazismo usava da transmissão de seus ideais através da divulgação de sua imagem sempre forte e vitoriosa. Confirmava-se assim, a preocupação de Hitler com a produção de monumentos que o imortalizassem, adorava ser chamado por Goebbels de “aquele grande mestre de obras”.

A frente do trabalho deveria aprimorar fisicamente o trabalhador alemão, por meio do culto a musculatura e da eliminação de gordura supérflua. [...] As fabricas passaram então a ser ajardinadas e receber cuidados higiênicos e instalações para a prática de esportes e educação física. [...] Os nazistas esperavam que os trabalhadores se submetessem docilmente às suas estratégias de envolvimento e participação. Em 1938, por exemplo, uma campanha publicitária ofereceu o automóvel Volkswagen – “um carro do povo”, para a massa de trabalhadores. Centenas de milhares deles fizeram reservas em dinheiro. O carro não saiu, já que a produção estava exclusivamente voltada para veículos de guerra. (LENHARO, 2003, p 35)

## 2.5 Ideais Compartilhados (Nazismo e Fascismo)

*“Os fascistas, em outras palavras, devem agir pelo sentimento e não pelo ressentimento” Benito Mussolini*

A ligação do nazismo com o fascismo ia além do compartilhamento das ideologias de Hitler e Mussolini. O alemão, em pontos, se espelhava em seu colega, que aproveitava a manipulação italiana já estabilizada para aprender técnicas que iam da simples utilização de termos até estratégias de guerra. Como quando buscava conquistar o governo da Baviera organizou um episódio semelhante à Marcha sobre Roma realizada por Mussolini e seus “50.000 camisas negras”.

Um ponto de partida para liderar multidões é torna-se conhecido, é fazer uso de um nome forte e inconfundível aos olhos de seus adeptos, pensando nisso, e inspirado no *Duce*<sup>6</sup> italiano, Hitler passou a ser chamado e mundialmente conhecido como *Führer*.

---

6 . *Duce*, em italiano significa líder, e assim era conhecido Mussolini.

Dessa forma, ganhou respeito de seus compatriotas que implicitamente estavam sendo manipulados a chamarem Hitler sempre de líder. Apesar de que Hitler por pouco não teria o nome de Adolf Schicklgruber, já que seu pai, Alois Hitler, como já explicado no subitem 1.2, ele era filho ilegítimo e por isso usava o sobrenome da mãe Schicklgruber, porém, após aproximadamente 40 anos, o Alois resolveu usar o sobrenome de seu pai adotivo Johann George Hiedler. E por um erro do escrivão passou a chamar-se de Alois Hitler e não Alois Hiedler. A força do nome Hitler era tão tal, que chega a ser impensável uma possível nomenclatura com os sobrenomes já citados, sendo o nome “Hitler” sinônimo de mau exemplo, lembrando o caso da ligação de Nicolau Maquiavel ao termo maquiavelismo.

Após cada batalha era preciso uma força revigorante aos que sobreviveram aos conflitos, pois além das fortes imagens que ficavam na mente dos soldados, ainda existia o sentimento de perda dos colegas de combate e o medo de não regressar da próxima batalha. Cabia, assim, aos líderes dos batalhões inserir cada vez mais o sentimento nacionalista em seus combatentes, implantando a imagem de futuros heróis e de salvadores da Alemanha contra as forças não-arianas. Assim como na Itália, o nacionalismo era uma das “armas” mais eficazes para injetar forças e justificar os maus tratos aos inimigos.

Enquanto os italianos discursavam sempre voltados ao passado glorioso da nação, Hitler tinha uma visão mais futura, utilizava de promessas de uma Alemanha virtuosa como nunca visto antes.

Ambas as nações, usavam do nacionalismo para fascinar o seu povo e inserir nas mais diversas classes o espírito de vitória que o final das guerras traria, quando o mundo estaria aos pés de todos eles. E era o sentimento nacional nazista que levaria os alemães a lutar contra quem até então eles conviviam normalmente em seu dia-dia, os judeus.

A bandeira nacional é o maior símbolo de um país, mais de que o hino ela “fala” por si só, é representada e reconhecida mundialmente, ao contrário do hino, que é mais difícil de ser identificado como de uma determinada nação ao ser ouvido por pessoas de outros Estados. E ainda, é a bandeira que será fixada após a vitória nos campos de batalha, e por isso, o seu uso não é só uma questão de representação e sim de identificação nacional. Faz-se assim, forte uso manipulatório como meio de transmitir através da imagem todo um sentimentalismo nacional implícito na bandeira.

E dessa forma, ambos os líderes faziam discursos regrados a comunicação visual e verbal pesadas. Até mesmo quando eles perdiam batalhas, era sobre a bandeira que faziam juramentos de dias melhores, como quando realizavam a Marcha sobre Berlim, muitos

soldados nazistas foram feridos, e o sangue deles ficou presente em uma das bandeiras, Hitler se aproveitou disso para utilizá-la como exemplo e incentivo aos soldados sobreviventes, relatando que aqueles que morreram na verdade deram suas vidas pela Alemanha:

Uma das bandeiras nazistas que eram carregadas ficou encharcada com o sangue dos mortos, que Hitler declarou anos depois serem “mártires da causa”. Ele e outros nazistas guardaram essa bandeira, que afirmavam ser “cheia do poder daqueles heróis” e usavam para consagrar as novas bandeiras depois que os nazistas chegaram ao poder. Numa estranha cerimônia, em que muitos enxergavam influências místicas, a nova bandeira tocava a velha e “enchia-se da vitalidade” e da “reliquia (COUTO, 2007, p 40)

Segundo Hobsbawn (1995), “os dois líderes do fascismo e nazismo tinham muitos motivos para sorrir em 1938”, demonstrando a afinidade e a relação de troca de técnicas e informações entre os partidos. Ambos são referências de liderança manipulativa de massas, usando ora de carisma e nacionalismo, ora com palavras pesadas e impositivas, como dizia Hitler “trata-se de um tipo de associação de veteranos de defesa”.

## 2.6 Hitler e Maquiavel

*“Os fins justificam os meios” Nicolau Maquiavel*

Entre os adjetivos relacionados aos dois personagens citados anteriormente, a referência ao caráter negativo é quase que inegável. Ao florentino, *Niccolò Machiavelli*<sup>7</sup> é dado peso do sinônimo do termo maquiavelismo, cujo significado assemelha-se a diabólico. Em sua obra mais famosa intitulada *O Príncipe*, o autor revela todo seu polêmico pensamento político (sendo inclusive, um dos livros contidos no *índex*<sup>8</sup>) mostrando aos líderes como se portar para atingir o bem maior que motiva os mesmos, almejando a ascensão da identificação de liderança para Chefe de Poder.

Maquiavélico e maquiavelismo são adjetivo e substantivo que estão tanto no discurso erudito, no debate político, quanto na fala do dia-a-dia. É uma forma de desqualificar o inimigo, apresentando-o sempre como a encarnação do mal. Personificando a imoralidade, o jogo sujo e sem escrúpulos, o “maquiavelismo”, ou melhor, “anti-maquiavelismo” tornou-se mais forte do que Maquiavel. É um mito que sobrevive independente do conhecimento do autor ou da obra onde teve origem (WEFFORT, 2006, p 13)

---

7. Em português: Nicolau Maquiavel

8. Em latim: Index Librorum Prohibitorum e em português: Índice de Livros Proibidos

Assim como Hitler, o italiano usava em sua oratória assuntos atuais, promovia discussões que movia o povo da península a pensar nas questões de unificação, ambos manipulavam seus seguidores e leitores, mostrando-se como detentores de uma possível solução para os males que afligiam seus conterrâneos.

O *Führer* propunha diálogos, transbordando sua imagem de puro salvador da Alemanha, isso se devia ao seu posto de líder que já lhe havia sido conquistado, a ele, seria inviável o incentivo a leituras de tomadas de poder. Em contrapartida, Maquiavel em seu simples cargo de funcionário do governo, professava auxílio ao Príncipe (seu chefe), para que este pudesse avançar nos seus objetivos territoriais. Tal diferença discursiva estava, implicitamente, relacionada ao cargo que cada um ocupava, entretanto, os dois, sempre objetivando a mesma coisa: o poder. E dessa maneira, ambos conseguiram colocar e ver seus ensinamentos concluídos, a Itália unificada e a Alemanha com soberania e destaque fortalecidos no pós Versalhes (ver subitem 1.4.2)

De acordo com a posição no cenário dos dois atores, nota-se que Hitler pode ser caracterizado como “pragmático-direto”. Uma vez que suas palavras não ecoaram apenas em sua biografia e em seus discursos, mas sim, se concretizaram. Já a peculiaridade de “direto”, atribui-se ao fato de que o próprio líder colocou suas idéias em ação. Ao contrário de Maquiavel, que pode ser analisado como “teórico-indireto”, pois sua retórica foi colocada em prática, no entanto, não por suas mãos e liderança e sim por implementação real de outrem, logo indiretamente consolidada.

Não obstante, Maquiavel apesar não ter desenvolvido a prática de suas palavras, sua influência no ramo da política foi observada desde o século XV, ao divulgar sua mais célebre frase: Os fins justificam os meios. Dessa forma, todo seu maquiavelismo foi resumido em poucas letras, constatando aos líderes que não se devem medir esforços e nem seguir questões morais ou éticas quando o que se busca é cumprir uma meta. Logo, um homem maquiavélico, conquista seus objetivos independentemente do que ele precise fazer para atingir a finalidade, justificando o uso de meios muitas vezes antiéticos em nome do êxito da causa em questão. Desejava ver seu país unificado, sem importar os meios, fossem esses belicosos ou não, contanto que o ideal final fosse atingido. Hitler justificou as ações anti-semitas no extermínio do povo não ariano, como o meio encontrado por ele com o fim de libertar a Alemanha desses indivíduos por ele indesejados.

Hitler, utilizando-se das outras duas forças, levou os sistemas “maquiavélicos” a um extremo de tensão, e essa tensão se rompeu. Depois disso o mundo nunca mais seria o mesmo (CAIXETA, 2006, p 27)

Tornava-se, assim, fascinante o fato de entender a ideologia forte que Maquiavel e Hitler levavam consigo, e como suas imagens e até mesmo seus nomes tornaram-se sinônimos de maldade, dessa forma, os seus leitores carregam consigo um prévio rancor em estudar personalidades consideradas de tal maneira, e questiona-se o fato de suas personalidades possuírem um grau tão perverso.

Como é possível que alguém tão inteligente seja tão mau? Hitler, assim como Maquiavel, talvez exerça o mesmo tipo de atrativo, exatamente pela mesma causa, ou seja, desnudam sem pudor ou subterfúgios o mal que habita dentro da racionalidade adâmica-ocidental (CAIXETA, 2007, p 13)

## 2.7 Humanitarismo Sucumbido

*“E o que o ser humano mais aspira é tornar-se ser humano” Clarice Lispector*

O termo Hitler remonta à existência de coisas ruins, chega a ser sinônimo de adjetivos negativos, como já foi dito no subitem ‘Ideais Compartilhados’, porém, tudo isso é proporcional às ações malélicas por ele idealizadas e concluídas. Mas para tal sucesso, ele precisou de adeptos e para isso utilizou de manipulações e estratégias.

Contudo, paira a dúvida: “Como tais conceitos podem ter sido aceitos pela população alemã? Como eles podem ter um dia passado nas mentes daquele povo?”. Mesmo com a utilização da manipulação, Hitler ainda teve que lutar contra os ideais primários humanitários das pessoas, ideais estes, já implícitos desde a educação na infância.

Por certo, muitos aderiram por medo das conseqüências que poderiam sofrer devido ao não alinhamento aos nazistas, e também outros, no íntimo de seus valores, simplesmente cumpriam as ordens, mas cientes de que iam de encontro à sua ética e moral familiarmente trabalhadas. Muitos seguidores do nazismo não enxergavam os não-arianos como humanos, e isso se deveu à manipulação de mentes fortemente aplicadas. Além disso, no momento de confronto, o que fala mais alto é o instinto de sobrevivência, embora isso implique na morte de outros. Hitler manipulava a população nesse sentido, fazendo-os sentirem-se num verdadeiro campo de guerra contra os judeus, uma questão nata de sobrevivência.

A questão da luta anulava as questões de moral e de humanismo, pois só sobreviveria o mais forte, e o mais forte não teria remorso humano de aniquilar o inimigo. À população civil e aos soldados eram impostos discursos que acabavam com a idéia humanitarista, e certa vez, chegaram a divulgar uma imagem de uma cruz cuja sombra formava um triângulo, e nela se lia a frase “Jesus morreu na cruz por causa dos judeus”.

Portanto, praticamente nada poderia escapar da eficiente propaganda nazista, associações ocorriam das mais diversas formas e atingiam populações das mais diversas doutrinas religiosas, não deixando o ideal humanitário agir e impedir as ações contra os não-arianos, demonstrando o ofuscamento do raciocínio lógico em relação ao que era considerado como psicologicamente correto.

## **2.8 A Utilização das Técnicas de Maneira Benigna**

*"Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova"*

*Mahatma Gandhi*

Se ao historiador cabe a missão de observar o passado para entender o presente e assim poder fazer sugestões para o futuro, é importante então, usar o passado aplicando-o como forma de aprendizagem, buscando melhorar o futuro. Os fatos que acontecerem por causa de Hitler não poderão ser apagados, pois agora, são fatos históricos, é preciso então, dar-lhes alguma utilidade a mais, para que não sirvam apenas como acontecimentos a serem analisados.

As técnicas manipulatórias por ele utilizadas foram concluídas com sucesso, porém, infelizmente concretizadas em cima da desgraça alheia. Muitas das técnicas podem servir não apenas como análise de um passado doloroso aos não-arianos, mas podem ter esse viés maligno revertido e utilizado em nosso dia-dia normalmente e principalmente, sem prejudicar ninguém.

Assim, pode-se dar uma função além do estudo propriamente dito, e sim utilizar de algumas técnicas de forma positiva. Por exemplo, quando Hitler ingressou num partido político ele era o sétimo membro, e dentro da coligação os participantes eram identificados por seu número de entrada, logo ele era conhecido como membro número 7. Então, por sugestão sua, os associados começariam com a numeração 500, dando assim a entender que o grupo era maior do que realmente era. Isso fez toda a diferença quando em seus discursos,

buscando adeptos ao partido, ele fazia referências como àquela de que o membro 503 tinha sido expulso por motivos de traição à causa, e não mais proferindo que o membro de número 3 tinha sido expulso por motivos de traição.

Entre outras técnicas que podiam ser utilizadas no dia-dia, temos também a já citada observação prévia do público alvo, analisando o perfil da maioria dos ouvintes, podíamos escolher o tipo de colocação gramatical mais adequada para o melhor entendimento do público em questão. Se a história é cíclica, faz-se necessário um estudo de tais técnicas para que não ocorram novas tentativas de ascensão de líderes com sentimentos anti-semitas.

## Capítulo 3

### 3. DO APOGEU AO PERIGEU

*"Nem sempre a guerra é inevitável. Ela sempre é uma derrota para a humanidade " (Papa João Paulo II)*

#### 3.1 Sede de Vingança e de Poder

A guerra não deixa marcas apenas no corpo de quem por ela passou, mas todo o sistema sofre os efeitos da desordem. Após a Primeira Grande Guerra, o cenário europeu precisou se reerguer financeira e estruturalmente, devido à inflação e à destruição material pela que os países passaram. Hitler se aproveitou desse momento frágil, para se tornar sinônimo de salvação, diante de milhares de pessoas desoladas e sem rumo, criando o Partido Nazista como fonte de política para divulgação de suas idéias (ver o subitem 1.3).

Nesse contexto, os partidos políticos radicais aumentaram sua influência. Através da crítica aos valores liberais, eles conquistaram a confiança da população. O mundo europeu viveu no período da pós-Primeira Guerra uma crise que, para alguns grupos, abria a possibilidade de transformação radical da sociedade. (ARNAUT, 1994, p 8)

O período era de calamidade, a desvalorização da moeda e o desemprego tornavam mais lucrativa a troca de serviços diretamente por alimentos, chegou a surgir um tipo de “mercado negro” que dispunha à população mais do que o governo permitia, como um ovo, 20 gramas de manteiga por semana para cada pessoa. O poder real da nação alemã, ou seja, o que ela oferecia naquele momento era mínimo, e o poder latente, cujo significado era de uma reserva para emergência, já não existira mais, todo o prestígio alemão fora destruído juntamente a cada artigo do Tratado de Versalhes (ver subitem 1.4.2).

Mais do que todos os prejuízos materiais impostos ao país pelas potências vitoriosas, foi a exclusão do círculo de povos dignos que inquietou o espírito alemão, movido pelo qual, um observador teria dito naquele tempo, forma-se uma “sociedade de amargurados, que apenas aguardava a chegada do líder que proferisse a palavra-chave. (FEST, 2005, p 47)

A República de Weimar chegaria ao seu fim com seu parlamentarismo que não satisfiz à população civil, encontrando-os em meio à crise intitulando seu governo como “república sem republicanos”. Essa situação abriu espaço para uma série de tentativas de golpe de tomada de poder, como a fracassada experiência realizada por Hitler e o marechal Ludendorff, em 1923, na região da Baviera, em Munique. Por outro lado, os Estados Unidos, estavam vivendo sua época de lucros em cima dos que estavam devastados pela guerra, vendiam materiais e produtos para as nações que perderam suas indústrias e colheitas durante os anos bélicos, apesar de que em 1929, houve a quebra da Bolsa de Nova Iorque, fazendo-o entrar em crise financeira. A entrada do capitalismo na Alemanha acabou ajudando na estabilização do país, na medida em que a crise e o desgaste do sistema colocaram fim na conservadora República de Weimar.

A tentativa fracassou por falta de apoio de outros grupamentos políticos; porém, as autoridades foram suaves nas punições: Hitler pegou cinco anos de prisão, mas alguns meses depois foi libertado. Na prisão escreveu aquilo que seria a Bíblia do Nazismo, resumindo todo o seu programa e perspectivas: Minha Luta (*Mein Kampf*). (AQUINO, 2003, p 416)

Finalmente, Hitler via-se com chance de realizar o seu desejo tão bem expresso durante as folhas escritas na prisão de sua biografia, a ascensão do seu Partido Nazista, que já possuía uma quantidade considerável de seguidores, cujo fruto devia-se à força de sua equipe e de seus discursos, pois, acreditava que “o número dos adeptos cresce então proporcionalmente à intensidade da perseguição”. Para tal, precisou vencer as ondas de manifestações populares, devido à desvalorização da moeda, a turbulência causava greves e revoltas, num momento político instável alemão, quando eram precisos mil marcos para atingir o valor de um dólar em 1922, e um ano depois, trezentos e vinte e cinco mil marcos correspondiam a um dólar.

A inflação aumentou com uma velocidade e uma intensidade assustadoras, enquanto os salários caíam em rapidez ainda maior. Eram necessários carrinhos de mão para transportar o dinheiro para fazer compras. Os setores conservadores da sociedade alemã começaram a ficar extremamente assustados com a onda de inquietação social que varria o país. Teria que ser uma proposta política que significasse uma saída para a crise econômica e ao mesmo tempo afastasse o fantasma da Revolução. (ARNAUT, 1994, p 16-17)

Destarte, Hitler conseguiu chegar a ser chanceler, em meio à turbulência política alemã, em janeiro de 1933, oportunidade que lhe assegurou um lugar de confiança, sendo então, no ano seguinte, o presidente após a morte de Hindenburg. Com o poder na mão, o

nazismo seria então, implantado como forma legalizada de fazer política, uma vez que, dentro de seu limite territorial, o governo detinha soberania para realizar livremente suas decisões e atos. A sede de vingança (devido às imposições de Versalhes) e o desejo de ascensão do sistema nazista e da própria Alemanha no cenário internacional, provocaram não só em Hitler, mas em boa parte da população alemã, o sentimento de aceitação das novas idéias racistas governamentais.

O dia 30 de janeiro de 1933 estava chegando ao fim. Pela Unter den Linden e pela Wilhelmstrasse desfilavam longas colunas. As tochas que os desfilantes carregavam difundiam clarões no crepúsculo. Numa das janelas da Chancelaria era possível divisar a silhueta de Hitler, imóvel, recebendo o aplauso da multidão. Ao contrário do punho fechado, cheio de ódio, as cerradas fileiras saudavam com a mão aberta, espalmada, num gesto de amizade, de fraternidade e de paz! As cartas estavam dispostas sobre a mesa, porque Adolf Hitler, na tarde daquele dia, fora nomeado Chanceler do Reich. (OLIVEIRA, 1989, p 44)

Apesar de toda a euforia da chegada do nazismo ao poder, ainda existiam aqueles que temiam os novos dogmas do governo, a esses lhes seriam impostos as ideologias do novo *Reich*, seguindo o instinto de sobrevivência, era preferível “aceitar” os dogmas racistas a serem levados pela polícia especial (Gestapo), aos campos de concentração.

Em 1933, quando os nazistas assumiram o poder [...] esse episódio, embora determinante para nós e nossa família mais tarde, nos deixou bastantes indiferentes na época. Nossos pais, embora longe de aderirem à ideologia do partido, não viram com maus olhos o fim da República de Weimar. Sabíamos o que era humilhação da derrota. De 1929 a 1936, na condição de habitantes da margem esquerda do Reno então sob ocupação aliada, assistimos à passagem de canadenses, britânicos e depois franceses. Aqueles anos de ocupação nos foram longos e opressivos. (BOESELAGER, 2009, p 21)

### 3.2 Momento de Guerrear

*“Não devemos ter medo dos confrontos... até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas” Charles Chaplin*

Inicialmente abalado pela derrota da Primeira Grande Guerra, Hitler, demonstrava em *Mein Kampf*, sua desolação em relação à diplomacia de maneira em geral, pois, o Tratado de Versalhes, não possuía nenhum caráter de *diktat* (que significa ditar, especificar em alemão) justo como queria transparecer e sim totalmente impositivo. Porém, quem perdia a guerra não tinha o direito de opinar acerca do futuro dentre seus conflitantes, o sentimento de desesperança, atribuía-se a falta de negociação acerca das punições, descaracterizando a

classificação de “acordo contratual”. Eis o motivo para a afirmação do líder “estou convencido de que não se podem readquirir territórios perdidos por meio de discursos, mas pelo emprego da força”, deixando de acreditar na força da diplomacia. Dessa forma, revoltado com falta de negociação e o excesso de humilhação e desconforto que o tratado trouxe consigo, Hitler com o poder nas mãos, iniciava uma série de desrespeitos aos artigos.

Dentro e fora do país, o regime vai tomando decisões que modelam, pouco a pouco, a nova “civilização” alemã, e preparam a política expansionista. Ainda em 1933, começam as queimas de livros; Hitler se retira da Liga das Nações. Em 1935, tem início o rearmamento do país – uma violação ao Tratado de Versalhes. (LENHARO, 2003, p 31)

Se a Primeira Grande Guerra pareceu começar após a morte física de um indivíduo, a Segunda parecia começar pela morte moral de todo o povo alemão, principalmente na figura individual de Hitler. O ódio e a sede de vingança se transformariam em oportunismo, nesse ponto de sua vida, ele percebeu a chance de uma grande jogada que mudaria o destino da população germânica, aproveitar o aborrecimento trazido por Versalhes e reverte-lo em patriotismo e justificativa para uma represália. A desculpa perfeita para a implantação dos ideais anti-semitas, que agora tinha um viés protecionista, com o teor de defesa prévia acerca da aniquilação dos não arianos em prol da purificação do território nazista.

Que possibilidades oferecia, nesse sentido, o tratado de paz de Versalhes! Como era fácil a um governo enérgico fazer deste instrumento de extorsão um meio para exaltar ao máximo as paixões nacionais! Como era fácil, mediante uma inteligente propaganda das crueldades e do sadismo dos conquistadores de transformar a indiferença do povo com revolta, a revolta no ódio mais intenso! Cada artigo do tratado devia ter sido impresso no cérebro e no coração do povo, até que finalmente a vergonha e o ódio sentidos por todos se transformarem, em sessenta milhões de homens e de mulheres em um mar de labaredas, de cujas chamas logo se levantaria uma vontade férrea a clamar: Queremos de novo nossas armas! Não há dúvida (de que para isso se conseguir, nada mais apropriado do que um tratado de paz como o de Versalhes. A opressão desmedida e o despudor das exigências feitas pelo inimigo ofereciam a melhor arma de propaganda para a ressurreição dos sentimentos adormecidos da nação. (HITLER, *Mein Kampf*, p 263)

Apesar de nunca ter escondido seus ideais totalitaristas e sanguinários, o Partido Nazista cresceu e se tornou o único partido permitido na Alemanha, abolindo o Estado Federativo e entrando o *III Reich*, dessa forma, iniciaram-se as retomadas territoriais perdidas na Pós-Primeira Grande Guerra. Inicialmente com a Áustria, fazendo-a crer na necessidade de união em prol de uma incorporação vantajosa entre irmãos, a chamada *Anschluss*, cujo significado é união em alemão. Posteriormente, foram-se recuperando os territórios do Sarre

(ver subitem 1.4.2, art 45), e parte da Tcheco-eslováquia, quando não respeitou a Conferência de Munique (feita em 1938, para negociar o território e dessa maneira evitar a guerra).

Nessa conferência foi negociada uma solução para as reivindicações alemãs capaz de evitar a guerra: o território tcheco deveria ser ocupado por etapas, e não imediatamente. Em outras palavras, foi dado a Hitler, o que ele ameaçava tomar por força. Este foi o preço da paz em 1938. A idéia dos representantes ingleses e franceses de que, uma vez satisfeito o “apetite” alemão pelo “Espaço Vital”, se dariam por satisfeitos. Estavam equivocados. (ARNAUT, 1994, p 31)

Em resumo uniram-se Alemanha, Itália e Japão, devido às suas afinidades governamentais e vontade de restabelecer as perdas do pós-guerra, e Inglaterra, França e Estados Unidos, para lutar contra possíveis frentes de batalha esquerdistas que impedissem o avanço de sistema capitalista. A essa altura, a Europa mal se recuperara de um conflito e já podia sentir que um novo estava por vir, o cenário estava repleto de invasões e instabilidade, Japão invade a Manchúria (na China em 1931), Hitler e Mussolini fecham o “Eixo Roma-Berlim” para colaboração mútua, além das já citadas anexações da Áustria, Renânia e Tchecoslováquia, além da Dinamarca (9 de abril de 1940), Holanda (15 de maio de 1940), Bélgica (28 de maio e 1940), Noruega (10 de junho de 1940) e França (14 de junho de 1940). Então, sucederam-se as antipatias entre os atores, quando a Polônia foi invadida pela Alemanha e a Albânia pela Itália, refletindo na insatisfação da França e Inglaterra que declararam guerra contra os regimes.

Grande parte dos historiadores concorda que, se tiverem de apontar uma pessoa como a principal causa da II Guerra Mundial, não há como escapar do nome Adolf Hitler. Quando ele e seus seguidores invadiram a Polônia, não havia como negar o poderio militar e a competência do exército alemão, que conseguiu completar sua ocupação em apenas três semanas [...] também ocupou países bálticos como Letônia e Lituânia, eram matéria prima para a indústria alemã. (COUTO, 2007, p 91)

A tática usada pelo exército alemão era tão rápida e eficaz, que sequer dava ao inimigo a chance de reagir, ao contrário da escassez tecnológica armamentista da Primeira Grande Guerra, esse novo conflito vinha recheado de tanques blindados (*panzer*) e aviação (*luftwaffe*). O método *blitzkrieg*, ou “guerra relâmpago”, surpreendia o inimigo com ataque aéreo, seguido de invasão terrestre e espalhamento do contingente por todo o diâmetro territorial desejado, diferentemente das outras nações que usavam as técnicas dos conflitos anteriores, as quais os alemães já conheciam.

Essa diferença de concepção entre a Alemanha e os outros países é que explica o estrondoso sucesso que os alemães obtiveram inicialmente. A Polônia foi ocupada em um mês, a França foi ocupada em vinte dias e em menos de trinta dias as tropas nazistas avançaram mais de 750 km dentro do território soviético. (ARNAUT, 1994 p 36)

Em 1941, após invasão nazista à União Soviética (URSS), descumprindo o acordo de companheirismo, resultava num novo desenho dos atores do conflito, Alemanha, Itália e Japão (Eixo) e Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética (Aliados). E foi contra a URSS, que a Alemanha mais sofreu em batalha, justamente a nação que poderia ter apoiado os germânicos, não fosse a traição que lhes causou grande revolta. O maior exemplo foi a Batalha de Stalingrado em 1942 quando a Alemanha, apesar de ter concentrado a maior parte de seu exército e armas, pediu rendição perante as águas do Volga. A URSS foi recuperando os territórios tomados como a Finlândia, Bulgária, Hungria, Romênia Polônia, e Tchecoslováquia.

Os homens viam-se confrontados com a violência do fogo, mas também do frio. As rajadas de vento, asfixiantes, queimavam os pulmões. A temperatura não era apenas vil, era assassina. O frio matava em poucos minutos. Na falta de homens inteiros, matava membros – mãos, braços, pernas – e as partes mais salientes do rosto – orelhas e nariz. As condições de retirada não permitiam sequer enterrar os mortos. Vimo-nos obrigados a renunciar cavar sepulturas, contentando-nos em inumar os mortos com montículos de neve. (BOESELAGER, 2009, p 58)

### 3.3 Sustentar ou Sucumbir

*“Pode ser o nosso fim, mas levaremos o mundo junto” Coronel Nicolaus Von Below*

Após uma série de derrotas, parecia que a grande nação alemã estava chegando ao seu fim, a resistência era inevitável, um líder como o *Führer*, jamais aceitaria o desprezo internacional da raça superior ariana. Para isso, os soldados tinham ordens extremas de não recuar, já os comandantes, tinham a missão de encorajar seus submissos, novamente retomavam as questões nacionalistas. As frentes de batalhas tinham sempre uma bandeira, que segundo o Marechal Georg K. Zhukov “deveria ser hasteada na vitória”. Os discursos continuavam para encorajamento das frentes de batalha, as palavras remontavam a salvação alemã nas mãos daqueles soldados, para que não ocorresse novamente a derrota e a humilhação àquele povo.

À tarde ele deu “a ordem do dia aos combatentes da frente oriental” que despertou neles a fúria exterminadora necessária para aniquilar o inimigo mortal – o judeu bolchevique – e que expressava a convicção de que o ataque asiático também “desta feita sangraria frente à capital do Império Alemão. Vocês soldados da frente oriental sabem que o destino ameaça, principalmente, as mulheres e crianças alemãs. Enquanto velhos e crianças são assassinados, mulheres e moças serão humilhadas como prostitutas em casernas. (FEST, 2005. p 18)

Os soviéticos se aproximavam cada vez mais de seu objetivo final, a cidade de Berlim, seria a hora da glória dos aliados, porém, Hitler em seu *bunker* (esconderijo), acreditava que a capital já estava segura o bastante. Com isso, acabou conflitando com muitos de seus homens, e suas incansáveis tentativas de divulgar ao *Führer* sobre a deficiência de armamentos e suprimentos das tropas, ou até mesmo da fadiga que todos passavam. Não demorou muito e as tropas soviéticas invadiram Berlim, Hitler desconsolado afirmava que “apenas a infelicidade me parece fiel – a infelicidade e a minha pastora alemã, Blondi”.

Hitler, já demonstrava sinais de desvios psicológicos, por não acreditar na aproximação do inimigo, não aceitava qualquer forma de recuo, logo, acabou permitindo a entrada facilitada do mesmo, o qual não encontrou pelo caminho tropas de defesa e sim vilarejos.

Parecia que o próprio Hitler era o mais afetado pelo cotidiano numa caverna a 10 metros de profundidade. Tudo, nele, tornara-se ainda mais patente: sua pele, que já era viscosa havia anos, as feições ultimamente intumescidas, e as bolsas escuras inchadas sob os olhos. Bastante curvado e com movimentos bastante oscilantes, ele andava muito próximo as paredes do *bunker*, como se procurasse apoio. Pela primeira vez, ele dava sinais de negligência, seu uniforme, até então impecável, apresentava manchas de resto de comida; nos cantos dos lábios, havia migalhas de bolo; e sempre que segurava os óculos com a mão esquerda ao fazer um relato da situação, eles batiam de leve no tampo da mesa. “Mesmo que minha trema”, [...] e mesmo se minha cabeça começar a tremer, meu coração jamais tremerá. (FEST, 2005, p 30)

A carência de estratégia, de armamento e combustível, fez com que se fosse criado uma espécie de Milícia Popular (*Deutscher Volksturm*), onde a população em geral foi convocada a lutar, mulheres, crianças e idosos também. O treinamento deles era bastante precário, alguns simulavam tiros de metralhadora batendo em latas, enquanto se jogavam e rolavam no mato, uma situação que demonstrava o fim dos anos dourados do nazismo. Ninguém era poupado, até que a última esperança morresse. Hitler não iria admitir a perda, dizia ele, tratava-se de uma estratégia, atrair o inimigo para dentro do país e exterminá-lo de forma esmagadora. Porém, a tática foi falha, os soviéticos se aproximaram de Berlim e Hitler viu que, muitos dos homens que ele tornou poderosos, se acotovelavam em caminhões para

sair da cidade o mais rápido possível. Fadigado Hitler disse ao Dr. Morell: “não há mais nenhuma droga que possa me ajudar”.

Para o cidadão alemão a guerra já estava perdida. Já para os dirigentes a vitória ainda era uma certeza. Os nazistas lançam mão da repressão e mobilização da população civil para reverter esse quadro. A demonstração de dúvidas era considerada um ato criminoso. (ARNAUT, 1994, 54)

Dessa forma, encurralado pelos soviéticos no seio de Berlim, cidade que era o cartão postal de seu partido, rodeado apenas de suas dúvidas acerca de seus erros, Hitler resolveu “ter um fim honroso, a viver mais uns meses ou anos de vergonha e desonra”. Goebbels, também ficou onde acreditava que “somente em Berlim, seria possível obter, mundialmente, uma vitória moral”, matando junto com sua esposa, os seis filhos do casal, pois, para a família, não havia sentido algum viver num mundo sem os ideais nazistas.

Para não ter seu corpo vivo ou morto, exposto como troféu pelos soviéticos, Hitler e Eva Braun, com a suposta ajuda de um soldado, morreram, para permanecerem eternamente com a imagem gloriosa da farda nazista e da Cruz de Ferro, e nunca serem lembrados com roupas de prisão ou humilhados, posando em fotos como prêmio do inimigo, e assim foi feito. Foram encontrados corpos de estatura semelhante à de Hitler e de sua esposa em meio aos queimados, mas nunca fora de fato comprovada a legitimidade de que algum deles pertencesse ao casal.

O protético Fritz Echtmann, que foi mantido prisioneiro, como testemunha, na União Soviética, declarou posteriormente, que os funcionários responsáveis pelo inquérito mostraram-lhe uma caixa de charuto, em maio de 1945, na qual se encontravam, além da arcada dentária de Hitler e da prótese de Eva Braun, apenas uma EK 1 (Cruz de Ferro) e os símbolos de ouro do partido, que Magna Goebbels havia usado no final. É provável que tenha sido encontrado em meio aos escombros do bunker, durante a procura que se estendeu por alguns dias e, no final, simplesmente classificado como insígnia do Führer. É quase certo que a caixa continha tudo que restou de Hitler. (FEST, 2005, p 170)

### 3.3.1 Seqüelas do Conflito

*“Então, pela primeira vez, sentimos que faltam palavras em nosso idioma para exprimir esse ultraje: a destruição do homem” Primo Levi*

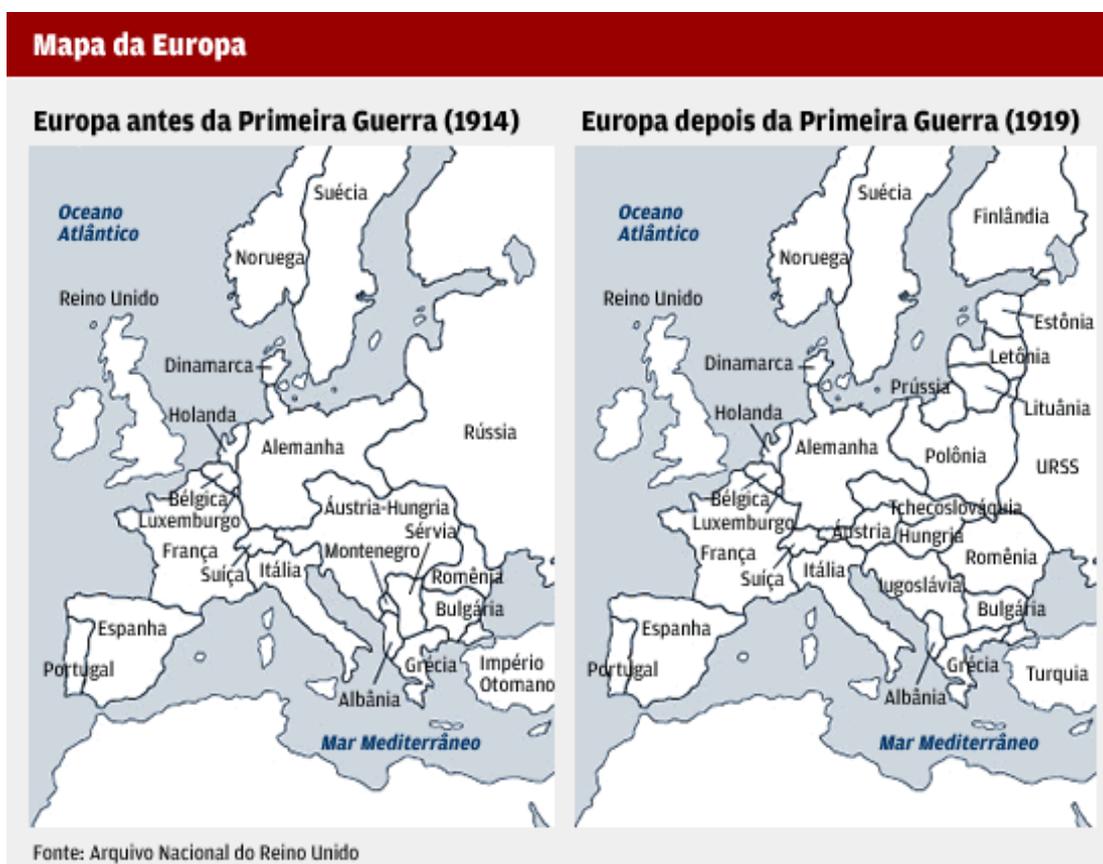
O sentimento de perda da pós-guerra foi bem expresso nas palavras do químico de Turim, citado anteriormente. A devastação de vidas humanas acarretou na morte de milhões de pessoas, em prol das ideologias de anexação e engrandecimento das nações por aplicação

de força bruta. Além das mortes durante o conflito, ainda havia a contabilidade daqueles que faleceram nos campos de concentração de Auschwitz, Sobibor, Treblinka, Belzec entre outros, onde as vítimas eram castigadas com trabalhos pesados, elas também serviam de experiências medicas mirabolantes ou morriam nas câmeras de gás ou de cremação.

Além de judeus, a Segunda Guerra trouxe a morte de aproximadamente 40 milhões de pessoas, entre civis e militares. A destruição era algo em torno de 7,5 milhões de resistências. E um custo total, entre gastos de guerra, perdas na produção, em bens e imóveis, em cargas embarcadas, em torno de 413,25 bilhões de libras (ARNAUT, 1994, p 68)

O fim da Primeira Grande Guerra demarcou países como Letônia, Lituânia, Estônia e Polônia, extinguindo os impérios Austro-Hungaro e Otomano (ver subitem 1.4.1). A União Soviética saiu vitoriosa no conflito, mas não no saldo do número de militares mortos, essa sim uma perda irreparável de aproximadamente 13,6 milhões de mortos, contra aproximadamente 4 milhões da Alemanha e Polônia. Já após a Segunda Grande Guerra, surgiram a República Democrática Alemã e a República Federal Alemã, sob proteção da União Soviética e do ocidente, respectivamente, acarretando na divisão do cenário político em bipolar.

Mapa 1<sup>o</sup> – Europa, antes e depois da Guerra



Mapa 2<sup>10</sup> – Alemanha após a Segunda Grande Guerra

### 3.4 Organização das Nações Unidas – Direitos Humanos

*“No fim tudo dá certo, se não deu certo é porque ainda não chegou ao fim” Fernando Sabino*

No dia 8 de maio de 1945, também conhecido como Dia D, ou seja, dia da decisão, um dos dias mais esperados da história ocidental, a população mundial já ansiava pela paz desde o início do conflito, esta data marcava a rendição alemã, quando Berlim foi cercada e ocorreu a morte do líder nazista e sua esposa, Eva Braun. Surgia então, um novo tipo de conflito, o nuclear, cujos protagonistas eram os Estados Unidos lutando pela influência do capitalismo no mundo, e a Rússia almejando ser hegemônica com seu modelo socialista no cenário internacional. Segundo Hobsbawn, o termo “Guerra Fria” remete-se ao não confronto direto entre as partes, acarretando na Corrida Armamentista e conseqüentemente, no aumento do arsenal atômico mundial.

---

10. Disponível em [http://prof-tathy.blogspot.com/2009\\_10\\_01\\_archive.html](http://prof-tathy.blogspot.com/2009_10_01_archive.html)

Nenhuma ofensiva foi concretamente concluída, devido ao medo de destruição mútua, e assim não houve bombas nem mortos, foi um conflito baseado em ameaças, cujo vencedor, mais uma vez foram os Estados Unidos, ascendendo o modelo capitalista com a queda do muro de Berlim.

Em suma, enquanto os EUA se preocupavam com o perigo de uma possível supremacia mundial soviética num dado momento futuro, Moscou se preocupava com a hegemonia de fato dos EUA, então exercida sobre todas as partes do mundo não ocupadas pelo Exército Vermelho Soviético. (HOBSBAWN, 1995, p 230)

O mundo e principalmente a Europa, já não suportava mais ser palco de guerras sangrentas, algumas tentativas de implantação da paz já eram observadas ainda em 1943, nas Conferências de Teerã e Ialta, que reuniram Stalin, Churchill, e Roosevelt, a fim de decidirem sobre as questões belicosas e a criação de um órgão que substituísse a falida Liga das Nações.

O fim das duas Grandes Guerras implorou um sistema de defesa humanitária, e nesse sentido, no mesmo ano em que Hitler supostamente cometeu suicídio, foi fundada a Organização das Unidas (ONU), com sede em Nova York. Seu ordenamento jurídico é baseado na Carta das Nações Unidas, de 26 de junho de 1945, com artigos esboçando a necessidade da manutenção da paz mundial, como consta em seu preâmbulo:

Nós, os povos das Nações Unidas, resolvidos a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que por duas vezes, no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direitos dos homens e mulheres, assim como nas nações grandes e pequenas, e a estabelecer condições sobre as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes de direito internacional possam ser mantidas, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade ampla.

O principal órgão da ONU é o Conselho de Segurança (CSNU), nele são tratadas diretamente as questões de manutenção da paz, as únicas nações classificadas como “permanentes” e com direito ao veto são Reino Unido, Estados Unidos, República Popular da China, União Soviética e França<sup>11</sup>, mostrando novamente que as regras do jogo e a manipulação do cenário são ditadas pelos vencedores.

---

11- Apesar da mudança de nomenclatura dos membros União Soviética para Rússia e China para República Popular da China, a Carta da ONU não foi atualizada nesses pontos.

[...] intensificação da tentativa das Nações Unidas em multiplicar os esforços para realizar uma mais estreita cooperação e solidariedade internacional, que foi possível a criação de um perfil de ação internacional pela promoção e tutela do homem enquanto tal. Em clima de cooperação pela realização de ideais comuns é que então se realizou, no dia 1 de janeiro de 1942, os Governos signatários da Declaração das Nações Unidas disseram-se convencidos de que uma vitória completa sobre seus inimigos era "essencial para defender a vida, a liberdade, a independência e a liberdade religiosa, assim como para conservar os Direitos Humanos e a justiça nos próprios países e nas outras nações" Um pouco mais tarde, a 26 de junho de 1945, em São Francisco, os redatores da Carta das Nações Unidas retomaram, entre os fins das Nações Unidas (ONU), o de "conseguir a cooperação internacional na solução dos problemas internacionais de caráter econômico, social e cultural ou humanitário, e o de promover e encorajar o respeito pelos Direitos Humanos e pelas liberdades fundamentais para todos sem distinção de raça, de sexo, de língua ou de religião" e introduziram no Estatuto da mesma Organização dois artigos (artigos 55 e 56), segundo os quais "os membros se empenham em agir coletiva ou singularmente em cooperação com a organização...", a fim de "promover o respeito e a observância universal. (BOBBIO, 1998, p 365)

Outras instituições também surgiram como bifurcações da ONU, importantes organismos de caráter universalista que buscavam garantir, legalmente, os novos ideais mundiais, totalmente diferentes dos ideais nazistas. O ser humano era valorizado em sua essência e importância, garantindo assim, na atualidade, o não surgimento de atores como Hitler e procurando igualar as negociações entre as potências, cuja tarefa, sem o Direito Internacional seria impossível, uma vez que, cada país tem suas leis e soberania dentro de seu território. Nesse sentido, é de fundamental importância a existência destes organismos, para analisar as atitudes dos Estados para além de suas fronteiras soberanas, avaliando suas atitudes e particularidades num âmbito universal.

Logo, o surgimento do Direito Internacional (DI) e dos Direitos Humanos (DH), visa ditar regras de maneira a evitar novas catástrofes contra a humanidade, uma vez que, a história é cíclica e, portanto, novos "Hitlers" poderiam surgir, como já tinham surgido antes dele mesmo. Especialistas como Joachim Fest, concordam que Hitler não fez nada de diferente dos antigos e sanguinários tiranos, porém, ele teve a "infelicidade" de ser o último no cenário antes do surgimento do DI e do DH, ficando como referência no momento histórico atual, que não permite tais atitudes subumanas.

Com isso, percebe-se a concretização da Teoria dos Jogos, quando há cooperação (C) entre dois atores A e B, ambos ganham cada um 50 %. Já quando um deles se opõe (O), ele perde tudo, ficando com 0%, e o outro que cooperou com 100%. Assim, o ideal de cooperação mútua garante ganho a ambos, e na oposição algum deles ou os dois saem perdendo. Tal lógica matemática idealista cooperativa, move a inserção de atores do sistema

em Organizações Internacionais com base nos DH e preservação da vida, logo, enquanto a diplomacia prega que ambos ganhem em partes, uma soma positiva, porém, na guerra é o tudo ou nada, um ganha tudo e o outro perde tudo, como no jogo de soma zero.

Quadro 2 – Porcentagem da Teoria dos Jogos

<b>Atores: A / B</b>	<b>C</b>	<b>O</b>
<b>C</b>	50% <sub>A</sub> - 50% <sub>B</sub>	100% <sub>A</sub> - 0 % <sub>B</sub>
<b>O</b>	0 % <sub>A</sub> - 100% <sub>B</sub>	0% <sub>A</sub> - 0% <sub>B</sub>

Quadro 3 – Instituições Especializadas e suas sedes

<b>OMS</b> Organização Mundial de Saúde (Genebra)	<b>UNESCO</b> Organização as Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Paris)	<b>FAO</b> Organização para Alimentação e Agricultura (Roma)
<b>OIT</b> Organização Internacional do Trabalho (Genebra)	<b>Conselho Econômico e Social</b> (Nova York)	<b>AIE</b> Agência Internacional de Energia Atômica (Viena)
<b>ONUID</b> Organização das Nações para o Desenvolvimento Industrial (Genebra)		<b>CEPAL</b> Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina (Santiago)
<b>GATT</b> Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (Genebra)	<b>CDH</b> Comissão dos Direitos Humanos (Genebra)	<b>UNICEF</b> Fundo Mundial de Assistência à Infância (Paris)

Fonte: Aquino, 2003, p 441

### 3.5 Testemunhos

*“Ah, memória, inimiga mortal do meu repouso!” Miguel Cervantes*

As vítimas do nazismo, tanto em campos de concentração como em campos de batalha, deixaram um verdadeiro acervo em recortes, como bilhetes nos bolsos das fardas, cartas que nunca chegaram ao destinatário final, além de relatos fieis e entrevistas depois da guerra acerca dos sofrimentos que passaram.

Esses documentos são verdadeiras riquezas históricas, demonstram fielmente os acontecimentos durante a guerra, muitos viraram clássicos divulgando para o mundo as atrocidades ocorridas, como O Diário de Anne Frank, escrito por uma mocinha judia, relatando o sofrido dia-a-dia no esconderijo da família. Ou ainda, o clássico ‘Operação Valquíria’, de Boeselager, demonstrando a visão real da guerra, onde esse jovem oficial alemão liderou uma conspiração fracassada contra Hitler.

Dessa forma, seguem alguns trechos desses relatos e de outros que, assim como tantos, deixaram para o mundo o registro daqueles momentos sombrios.

O Diário de Anne Frank, julho de 1942, no esconderijo:

Não podemos olhar pela janela nem sair. E temos que ficar quietos para que as pessoas lá embaixo não nos ouçam. Não poder sair me deixa mais chateada do que posso dizer e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta, é claro, é uma perspectiva muito desanimadora. (FRANK, 2010, p 38)

Diário de Anne Frank, novembro de 1942, da abordagem em busca de judeus:

Eles batem em todas as portas, perguntando se ali mora algum judeu. Em caso positivo, toda a família é levada embora. É impossível escapar de suas garras a não ser que você se esconda. Eles costumam andar com listas, só batendo nas portas onde há grande apreensão a ser feita. Frequentemente, oferecem recompensas, tantos florins por cabeças. É como as caçadas a escravos em tempos antigos. Não quero fazer com que isso pareça bobagem, é trágico demais. À noite, quando está escuro, costumo ver longas filas de gente boa e inocente acompanhada por crianças chorando, andando sem parar, controladas por um punhado de homens que as empurram e batem até caírem. Ninguém é poupado. Os doentes, os velhos, as crianças, os bebês e as mulheres grávidas – todos são forçados a marchar em direção à morte. [...] Fico apavorada quando penso em amigos íntimos que agora estão à mercê dos monstros cruéis que já assolaram a terra. E tudo porque são judeus. (FRANK, 2010, p 80)

Operação Valquíria, dezembro de 1941, do frio insuportável da Rússia, e das artimanhas para contê-lo:

A temperatura diurna caiu para – 20° a partir de meados de dezembro. Os soldados não haviam recebido nenhum equipamento de inverno. Havia prometido ao batalhão de Georg quatrocentos pares de esquis, que só acabaram chegando com o inverno pela metade. Os homens contavam apenas com os dólmas rudimentares de seus uniformes. Em dezembro, chegaram apenas algumas dezenas de pares de botas forradas e casacos. Os médicos aconselharam usar todas as roupas de baixo disponíveis, mas isso não bastava. Calafetávamos as menores aberturas com jornal, papel de embalagem e trapos. Jornal na cueca, jornal em volta das pernas, em volta do tórax. O soldado alemão transformara-se num homem inflável. (BOESELAGER, 2009, p 56)

Operação Valquíria, de como foi preso ao ir tratar do exército e invés disso teve que ouvir sobre a troca de morangos por cerejas no quartel do *Führer*:

Era demais para mim. À gravidade do destino do IX Exército correspondia um universo de uma pobreza e banalidade desconcertantes. Sem uma palavra, e em ponto de ebulição, deixei a mesa e saí para fumar um cigarro a fim de recobrar a calma. Bormann intimou-me para explicar minha atitude. Revelei meus sentimentos para ele: “Como tenente e ajudante de campo do marechal Von Kluge, [...] acompanhei o marechal para discutir o destino dramático do IX Exército, e me falam de frutas vermelhas!”. Sem responder, voltou-se e chamou um SS com voz rouca: “Leve esse sujeito”. Fui trancado num cômodo, quase uma cela. [...] (em liberdade) durante o voo, Kluge concluiu: “Muito bem, muito bem. Dessa vez consegui tirá-lo do fogo. Da próxima vez fique de bico calado. Mas, no fundo, o senhor tem toda razão”. (BOESELAGER, 2009, p 89-90)

Os Médicos da Morte, das experiências médicas feitas com os judeus:

Dr. Schumann – o bloco 20, onde trabalha no maior segredo deixa escapar alguns gritos de suas vítimas. É muito exigente na qualidade de suas “pacientes”. Quere-as jovens e de boa saúde. Escolhe-as, cuidadosamente entre 16 e 18 anos. São bonitas, da beleza ativa dos sefardim, bronzeadas pelo sol naquele verão e inconscientes do que lhes esperava. [...] Muitas sofreram queimaduras radiológicas. Algum tempo depois da primeira fase de esterilização pelos raios X, procedia-se a ablação dos ovários, quer por laparotomia média, quer por incisão supra-pública horizontal. As primeiras laparotomias mostram que os intestinos também foram atingidos. [...] Um grupo dessas mulheres recusou deixar-se operar pela segunda vez, e preferiu ser enviado para Birkenau, onde já contavam com a automática exterminação. (AZIZ, sem data, p 178)

Os Médicos da Morte, da inauguração da primeira câmara de gás.

No início do mês de agosto de 1942, os crematórios acabavam de ser inaugurados oficialmente [...] Para a ocasião, um contingente especial de russos foi exterminado a fim de oferecer um belo espetáculo ao *Führer*. Depois dessa grande estréia o pátio do bloco 25, nunca mais estaria vazio. Era preciso recuperar o tempo perdido

durante o período em que utilizavam de meios artesanais de exterminação. (AZIZ, sem data, p 104)

Uma dona de casa na guerra, apud Luiz Arnaut, o livro em Else Wendel, que registra os contos de seu marido na guerra:

Acredite em mim, Else, se alguma vez os russos batessem nessa porta e aqui fizessem metade do que nós lhes fizemos você nunca mais iria sorrir ou cantar. (Wendel, apud ARNAUT, p 41)

### 3.6 Caminhada Cronológica

*“Não tenhamos pressa, mas não percam tempo” José Saramago*

1889	Nascimento de Hitler
1907	Muda-se para Viena / Tentativa de entrar na Academia de Belas Artes Morre Klara Pölzl
1913	Muda-se para Munique
1914	Francisco Ferdinando é assassinado Áustria invade a Sérvia (eclode a 1º Guerra Grande Guerra)
1919	Hermann Müller assina o Tratado de Versalhes Hitler entra para o Partido dos Trabalhadores
1920	Torna-se líder do partido
1923	É preso após tentativa frustrada de tomar o poder e escreve <i>Mein Kampf</i>
1930	Vitória do Partido Nazista nas eleições alemãs.
1929	Quebra da Bolsa de Nova York
1933	Hitler torna-se chanceler
1934	Hitler assume a liderança do país Implantação do Partido Nazista como único legalizado
1936	Ocupação da Renânia
1938	Ocupação da Áustria
1939	Invasão da Thecoeslováquia e Polônia Início da Segunda Grande Guerra
1941	Alemanha invade a URSS
1943	Batalha de Stalingrado
1945	Ofensiva de inverso russo Morte de Hitler Russos tomam Berlim Criação da ONU

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Alemanha nunca mais seria a mesma desde a ascensão de Hitler ao poder. Tantos foram os sonhos do jovem militar, que apenas ansiava em ser pintor, mas o destino em frente às humilhações do Tratado de Versalhes lhe colocou em sede de vingança, em prol da segunda e eterna paixão, a Alemanha.

O poder nas mãos erradas pode acarretar na destruição de populações inteiras, não imaginava isso o presidente Paul Von Hindenburg, ao nomeá-lo chanceler da Alemanha. O destino sorriu para Hitler, que em meio a tantas frustrações chegou ao mais alto dos postos nacionais. Esse apoio popular, trazido pela massa alemã em favor do novo partido nacional, o NSDAP, foi o embrião do fortalecimento dos ideais nazistas, que atormentaram as mentes daqueles que foram vítimas.

Os não arianos, foram personagens usados para o sinistro espetáculo do nazismo, que pregava em seus discursos condições inferiores a esses seres, como o Espaço Vital e a expulsão necessária de judeus para a purificação do território alemão. Porém, os discursos anti-semitas eram visualizados antes mesmo da tomada hitleriana do poder, constatando-se que, muitos dos que apoiaram Hitler, estavam, primeiramente, conscientes dos objetivos de extermínio do partido nazista. Houve os que foram contra tais ideais, mas esse número não foi o suficiente para impedir a vitória nazista nas eleições, e depois da ascensão nazista, os que eram contra ficaram divididos em apoiar o governo ou ser inimigos dele.

Os discursos de Hitler e sua equipe eram repletos de artimanhas manipulativas, levando os ouvintes a aderirem àquelas causas sem hesitar, os meios usados tiveram um raio de alcance esmagador, tudo que lhe fora possível para atingir todos os alemães, como jornais, revistas, panfletos, rádio, televisão e até mesmo o cinema foi contaminado com metragens nazistas. Além disso, a oratória estava presente nas escolas e cartazes espalhados nas paredes, com os mais diversos temas, para dessa forma atingir o maior número de adeptos possível.

Era inevitável o questionamento de como tais atitudes tão cruéis foram aceitas e cometidas contra os judeus, como foi possível a concretização da morte de seis milhões de pessoas, baseada apenas na doutrina do sangue puro alemão, foi de fato uma ‘faxina étnica’. Somada a isso, tínhamos ainda a contabilidade das duas Grandes Guerras que devastaram a Europa e fizeram vítimas em parte da Ásia. Num cenário instável a população precisava de um “norte” a ser seguido, e colocava todas as suas esperanças na mão do líder que melhores promessas oferecesse, e por isso, acabaram aceitando os ideais subumanos, que fizeram o

mundo parar amedrontado, para assistir ao maior conflito do homem contra o próprio homem, na busca do poder e da liderança mundial.

A trajetória de Hitler chegaria ao final, após a invasão russa à cidade de Berlim, mas afinal, o que teria acontecido com ele se tivesse sido capturado? Seria morto imediatamente, ou levado vivo como um troféu russo? Caso isso acontecesse, por certo seria levado a julgamento e humilhado no Tribunal de Nuremberg. Mesmo com a morte dele, ainda é possível observar manifestações contra algumas etnias, e ainda, pequenos grupos nazistas espalhados pelo mundo, fãs de um homem cruel, que mesmo depois de morto, ainda assegura seguidores com os escritos que deixou.

A incerteza do amanhã se alastrava pelos corações da população mundial, isso acarretou em mudanças drásticas no cenário internacional, efeito da já citada Teoria do Caos. Em 1918, a população alemã devastada teve que assumir as consequências da Primeira Grande Guerra, e aproveitando-se do momento, Hitler surgia para confortar e vingar a desconsolada Alemanha. Já na pós Segunda Grande Guerra, quem surgiu para assumir o controle e consolar os flagelantes do conflito foi a Organização das Nações Unidas, visando à manutenção da paz e a conservação da vida, via consolidação dos Direitos Humanos.

De fato, esse novo ator de cunho universalista veio para tentar a garantia de dias de paz e resolução de conflitos entre soberanias de maneira diplomática e não mais belicosa. Foi um avanço importantíssimo para as Relações Internacionais, calcadas no Direito Internacional e em meios legais não-beligerantes. Para que, dessa forma, os povos valorizados na figura da pessoa humana pudessem respirar tranquilos, longe do risco de novas guerras mundiais que levariam à extinção da espécie humana na terra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **História das Sociedades: Das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

ARNAUT, Luiz. **A Segunda Grande Guerra, do nazi-fascismo à Guerra Fria**. São Paulo: Atual, 1994.

AZIZ, Philippe. **Os Médicos da Morte**. Vol.1 Rio de Janeiro: AGGS,sem data.

AZIZ, Philippe. **Os Médicos da Morte**. Vol.2 Rio de Janeiro: AGGS,sem data.

AZIZ, Philippe. **Os Médicos da Morte**. Vol.3 Rio de Janeiro: AGGS,sem data.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Unb, 1998.

BOESELAGER, Philipp Freiherr Von. **Operação Valquíria**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRENANN, J. H. **O Reich oculto**. São Paulo: Madras, 2007

CAIXETA, Marcelo. **A mente de Hitler**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2006

CASTRO, Thales. **Elementos de Política Internacional**. Curitiba.: Juruá, 2008.

COTRIM, Gilberto. **História Brasil e Geral**. São Paulo: Saraiva, 2002.

COUTO, Sérgio Pereira. **Dossiê de Hitler**. São Paulo: Universo dos Livros, 2007.

DOMENACH, Jean-Marie. **A Propaganda Política**. 2 ed. Tradução de Ciro T. de Pádua. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

DURANDIN, Guy. **As mentiras na Propaganda e Publicidade**. São Paulo: JSN , 1997.

FEST, Joachim. **No Bunker de Hitler, os últimos dias do terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GARCIA, Nelson. **Propaganda: Ideologia e Manipulação**. Editora Brasiliense, 1999.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. Disponível em: <http://www.baixelivro.com/2010/04/minha-luta-mein-kampf-adolf-hitler.html>

HOBSBAWN, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX 1914/1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LENHARO, Alcir. **Nazismo, o triunfo da vontade**. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, Sérgio de. **Hitler, culpado ou inocente?**. Porto Alegre: Revisão Editora Ltda, 1989.

PARAISO, Rostand. **O Recife e a II Guerra Mundial**. Recife: Bagaço, 2003.

WEEFORT, Francisco C, organizador. **Os Clássicos da Política**. Vol 1. São Paulo: Ática, 2006.

Carta das Nações Unidas e Estatuto da Corte Internacional de Justiça. Publicado pelo Centro de Informação das Nações Unidas.